



Recortes de Imprensa

Novembro 2009

apoio





“A violência doméstica é um problema de todos” – diz especialista americana

A redução dos casos de violência doméstica passa por programas curriculares nas escolas e conversas nas igrejas e até nos cabeleiros de bairro, defende uma especialista norte-americana, que apela às vítimas que contem as suas histórias, sem vergonha. Em entrevista à Agência Lusa, Susie Johnson falou da longa experiência dos Estados Unidos no combate à violência doméstica, um crime que tem obrigado 16 mil mulheres a procurar diariamente serviços de apoio e 24 mil mães e crianças a saírem de casa à procura de um abrigo. Em Portugal, a violência doméstica leva todos os dias mais de 70 mulheres às esquadras da PSP e GNR. Mas muitas outras continuam a viver em silêncio um crime cujos efeitos psicológicos só "são comparados aos de um atentado terrorista", compara a presidente da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas, Teresa Féria. Para Susie Johnson, que esteve há dias em Portugal para participar num colóquio sobre o assunto, as leis "já estão todas escritas", agora é preciso alterar mentalidades. E esse trabalho tem de ser feito com a ajuda das vítimas. "As mulheres têm de deixar de ter vergonha, porque não é culpa delas terem sido vítimas de violência doméstica. Têm de se levantar e dizer publicamente 'eu fui violentada', para que outras mulheres

sintam segurança em fazer o mesmo", defende. "Nós sabemos que contar as histórias ajuda outras mulheres, porque há uma identificação. As vítimas são grandes especialistas nesta matéria e devem estar envolvidas nos programas para que se tornem mais eficazes. Não basta falar com estudiosos e especialistas das universidades", destaca. Mas para isso acontecer é preciso que a sociedade perceba que a culpa não é da vítima. É preciso transformar as normas culturais, porque são elas que aprisionam as mulheres. Nos Estados Unidos, existem programas curriculares que já tratam a questão da violência. "Temos de começar pelas crianças. Nas escolas, as raparigas aprendem a respeitar-se e os rapazes aprendem o que é ser um homem, para lhes mudar as definições sobre autoridade, as normas que definem o papel da mulher e as expectativas. Desde pequenos aprendem o significado do que significa viver num mundo sem violência", exemplifica Susie Johnson. Mas não é só nas escolas que se deve trabalhar. "Nas igrejas, nos cabeleiros, em reuniões com pequenos grupos de mulheres, toda a comunidade tem de se envolver, porque esta não é uma questão do domínio privado da mulher mas sim de todos", realça. Susie Johnson lembra que é necessário haver "condições que permitam às

mulheres ter liberdade para reportar o abuso com a certeza de que quando o fazem existem sistemas e espaços que garantam a sua segurança e a das crianças". Em Portugal existem mais de três dezenas de casas-abrigo, mas as instituições reconhecem que esta solução só é proposta em situações extremas. Nos encontros com responsáveis que lidam com a violência doméstica, Susie Johnson avaliou que "as organizações respondem lindamente aos problemas, mas ainda estão no início". "Para reduzir os números de maus-tratos e reduzir os casos de mulheres que denunciam os crimes e se transformam em números de homicídios, é preciso trabalhar para salvar vidas. É preciso apostar na prevenção para mudar os números horríficos, que são uma realidade que tem de parar de crescer", aconselha. De acordo com esta especialista, nos EUA a cada 14 segundos uma mulher faz uma chamada para um número de ajuda e uma em cada três mulheres que vão parar às urgências foram vítimas de violência doméstica. Em Portugal os números sobre homicídios são díspares. Dados do último relatório do Ministério da Administração Interna falam em pouco mais de 20 mortes no ano passado, enquanto a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) garante que



pelo menos o dobro das mulheres passou a fazer parte das estatísticas dos homicídios no país, ou seja, mais de 40. Susie Johnson deixou um alerta: "Uma em cada três mulheres é vítima de violência ao longo da sua vida, mas apenas metade denuncia a situação."



Pulseira electrónica chega à violência doméstica

Novo programa de vigilância permite que vítimas e autoridades policiais sejam alertadas da aproximação dos agressores. Arranca no Centro e Norte

NELSON MORAIS
sociedade@jn.pt

Quinze comarcas do Centro e do Norte do país dispõem já de um novo meio de prevenção de violência doméstica: a aplicação de pulseira electrónica aos agressores, que faz emitir um alarme quando se aproximam das vítimas.

Enquanto as pulseiras electrónicas aplicadas no âmbito do regime da prisão domiciliária alertam as autoridades quando os arguidos saem de casa, o novo sistema pretende evitar que os cidadãos suspeitos ou mesmo condenados por violência doméstica voltem a chegar perto das vítimas. E o novo mecanismo de defesa deste crime público foi concebido para proteger as vítimas de novas agressões quando estão em casa ou institucionalizadas, mas também quando saem à rua.

A nova ferramenta vai ser aplicada no âmbito de um programa experimental (2009-2011) e con-

siste, fundamentalmente, na atribuição da pulseira electrónica ao agressor e de dois equipamentos à vítima: um pequeno "pager", que deve trazer sempre consigo; e uma "unidade de monitorização, instalada na sua residência.

Este dispositivo, se detecta a aproximação da pulseira electrónica, emite um sinal de alerta para o "pager" e para a Direcção-Geral de Reinserção Social (DGRS), que avisa de imediato a PSP ou a GNR para se dirigirem a casa da vítima. Caso esta esteja fora da sua residência e o agressor se aproxime do "pager", este dá-lhe um sinal de alerta, mas as autoridades não são automaticamente avisadas.

Magistrados decidem

O programa resulta de uma parceria da Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género e da DGRS, o organismo do Ministério da Justiça responsável pelo controlo das pulseiras aplicadas a arguidos em prisão domiciliária.

Perguntas & respostas

Onde vai ser aplicado o projecto-piloto?

Em seis comarcas do Norte do país - Porto, Matosinhos, Gaia, Gondomar, Maia e Paredes - e em nove do Centro - Coimbra, Marinha Grande, Leiria, Ansião, Figueiró dos Vinhos, Pombal, Alvaiázere e Ourém.

Como funciona?

O agressor tem uma pulseira que emite sinais de rádio frequência, enquanto a vítima possui em casa uma unidade de monitorização e deve trazer consigo um pequeno "pager". A unidade de monitorização detecta a aproximação do

agressor e alerta os computadores da DGRS, que, por sua vez, avisa a polícia. O "pager" também emite aquele alerta, para que vítima possa encetar uma estratégia de defesa.

O que acontece se o agressor não cumprir a sua obrigação?

Quando confirmada a aproximação do agressor, a DGRS e as autoridades policiais fazem um relatório. Se concluírem que aquela aproximação não foi acidental e o agressor não cumpriu as suas obrigações, os factos são relatados ao magistrado titular do processo, que poderá dar ordem de prisão.

Ambas entidades apresentaram o projecto-piloto, no Governo Civil de Coimbra, a magistrados, autoridades policiais e associações relacionadas com a problemática da violência doméstica.

Até ao momento, o novo sistema ainda não foi aplicado a ninguém. A decisão será sempre tomada por um magistrado e depende do consentimento dos agressores e das vítimas. Afir-

mando-se como uma alternativa à prisão do agressor, pode ser decretado em três situações processuais distintas: como pena acessória para condenados; como medida de coacção para arguidos; ou nos casos em que os arguidos beneficiem da suspensão provisória dos processos nos quais o Ministério Público os acusou de violência doméstica.

Quando as autoridades são alertadas para a aproximação do agressor à vítima, têm de ir ao encontro de ambos e perceber se se tratou de um encontro deliberado ou acidental. Caso concluam que houve intencionalidade do agressor, a situação é relatada ao magistrado competente, que poderá decidir mandar o agressor para prisão.

Sistema imperfeito

A DGRS assume que este tipo de vigilância electrónica é "apenas um contributo que ajuda a controlar o agressor porque poderá inibir alguns dos seus comportamentos e prevenir eventuais futuras agressões a vítimas de violência doméstica".

Esta "segunda geração" de pulseiras electrónicas tem, pelo menos, uma fragilidade que pode deixar a vítima totalmente desprotegida. No sistema de vigilância electrónica para casos da prisão domiciliária, as autoridades recebem um sinal de alerta assim que o portador da pulseira sai de casa; já no sistema adaptado à violência doméstica, o agressor pode decidir retirar a pulseira e aproximar-se da vítima sem que isso produza automaticamente aquele sinal de alerta.

Ainda assim, é um facto que não é possível retirar a pulseira sem a danificar. E, segundo garante o responsável da DGRS Nuno Caiado, "haverá contactos regulares e frequentes com o agressor no sentido de verificar a integridade do equipamento". ■



Loulé – APAV fala sobre “Maus tratos na terceira idade”

A Biblioteca de Loulé recebe a ação informativa “Maus tratos na terceira idade”, com a presença da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, dia 6, às 21h30. A entrada é livre.

A sessão está integrada no ciclo “Educação para a saúde”, que conta ainda com as ações “Alzheimer - Como Encarar” e “Parkinson - Como Encarar”, a 13 e 20 de Novembro, no Centro Autárquico de Quarteira. Para participar é necessário inscrição.



Idosos sofrem maus tratos

Violência Doméstica → Albufeira é a região do Algarve em que mais pessoas são vítimas de agressão doméstica



➔ Alberto Pinto e Júlia Cardoso, da APAV, conduziram a palestra

“Os idosos podem ser vítimas de crime no seio familiar e nas instituições”, referiu Júlia Cardoso, da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, na sexta-feira, durante a acção informativa «Maus tratos na terceira idade», decorrida em Loulé.

Segundo a responsável, “existem dois tipos de agressores, os familiares e pessoas estranhas”, mas são as pessoas mais próximas que podem causar mais perigo. “Enquanto o estranho provoca uma agressão ocasional, o parente provoca uma continuada”, explicou Júlia Cardoso, sublinhando que “o crime de violência doméstica existe quando se verificam maus tratos corporais e quando se confirmam ofensas sexuais a pessoas indefesas em

termos de idade, deficiência, doença, gravidez e dependência económica”.

A responsável esclareceu que “os maus tratos podem ser físicos, quando há negligência de cuidados físicos e médicos, má alimentação, feridas ou queimaduras e abusos sexuais. Mas também psicológicos, quando há humilhação, vitimação, ameaça para reter as pensões e privação ou falsificação de informações”. “Muitas vezes, a própria pessoa não tem consciência de que é vítima de crime”, vincou.

A apropriação de bens, assim como a venda de móveis e imóveis “que, muitas vezes, é feita contra a vontade da pessoa”, também é uma forma de violência doméstica psicológica, mas a nível social, o isola-

mento e a proibição do contacto da vítima com outras pessoas é a pior das violências. “Isto faz com que o agressor tenha um domínio sobre a vítima, porque afasta-a das pessoas que a podem apoiar e incentivar a denunciar o crime”, referiu, salientando que esta agressão é frequente nos idosos pela sua “situação de fragilidade física, devido à idade e ao seu estado de saúde”.

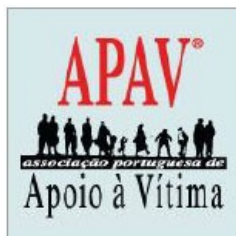
Alberto Pinto, também da APAV, falou dos indícios de vitimação, destacando os hematomas e as feridas inexplicáveis, mas não descartou a falta de higiene, a má nutrição, o isolamento, a recusa de apoio e a incoerência do discurso.

No Algarve, a região em que mais pessoas sofrem maus tratos é Albufeira, em que 209 pessoas são ajudadas pela APAV. Portimão é a segunda, com 204 pessoas apoiadas, e Faro a terceira, com 149, que afecta 15,4% da população.

No Algarve, a APAV tem gabinete em Loulé, Faro, Tavira, Portimão e Albufeira, e actualmente, está a desenvolver ainda uma nova iniciativa, o Projecto Sul, que presta apoio a imigrantes que sejam vítimas de crime.

Carina Rosa

carina.rosa@oalgarve.pt



Sociedade - 16-11-2009

APAV recebeu mais de 50 queixas de vítimas de crimes de ódio no ano passado



A Associação de Apoio à Vítima (APAV) recebeu no último ano mais de 50 queixas de vítimas de crimes de ódio.

Neste Dia da Tolerância, Carla Amaral, da APAV, explica que tipo de casos lhes têm chegado e sublinha que a comunidade cigana é a mais atingida

pela falta de tolerância.

Mas apesar dos esforços, todos os anos, surgem números que provam a falta de tolerância em muitos países do mundo.

Um dos sinais disso mesmo, é o relatório da Organização para a Segurança e Cooperação da Europa (OSCE), que confirma a existência de casos a mais, num mundo que é, maioritariamente, dito civilizado.

Há duas conclusões a tirar do relatório deste ano da Organizações, sobre crimes de ódio. Primeiro, eles continuam e, em algumas zonas aumentaram, especialmente no âmbito de perseguições religiosas.

Depois, há uma generalizada escassez de dados entre os países-membros da OSCE. São alguns os países, incluindo Portugal, que não separam nas estatísticas os crimes de ódio, inviabilizando desta forma uma melhor estratégia de combate a esses crimes.

Por toda a Europa há notícias do ano passado de homicídios, espancamentos, incêndios e actos de vandalismo, atribuídos a temas religiosos, étnicos e até de género.

Há numerosos relatos de perseguição a ciganos, de actos violentos relacionados com a homofobia e de perseguição em países diversos a cristãos, judeus e muçulmanos.

A maior parte das mudanças legislativas para combater os crimes de ódio, fica a dever-se à ocorrência de crime, nesses países.

Uma das ideias que salta do relatório, é a capacidade que a propaganda tem de acentuar o ódio. Propaganda que pode sair de grupo extremistas como os neo-nazis, mas que pode até ser acentuada em tempos de campanha eleitoral. Isso foi verificado em vários cenários durante o ano passado.

A OSCE, junta quase todos os países da Europa e uma parte da Ásia Ocidental e ainda o Canadá e os Estados Unidos.

Regional

Imigração e Tráfico de Seres Humanos motiva seminário da APAV em Portimão



phernad

[Ver Fotos »](#)

Imigração

Governamentais.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima promove nos dias 18, 19 e 20 de Novembro, o Seminário SUL - Imigração e Tráfico de Seres Humanos, no Hotel Júpiter, em Portimão.

Este Seminário insere-se nas actividades desenvolvidas pelo Projecto SUL – Unidade de Apoio à Vítima Imigrante, financiado pelo Programa Operacional de Potencial Humano, Eixo 7 Igualdade de Género, Tipologia 7.3 Apoio Técnico e Financeiro às Organizações Não

O Projecto SUL presta apoio especializado e itinerante a vítimas imigrantes e de tráfico de seres humanos e de violência de género na região do Algarve.

Outro objectivo do Projecto é a promoção de boas práticas no apoio a imigrantes através da sensibilização e da promoção do trabalho em rede entre as instituições.

Reunindo mais de duzentos participantes, o Seminário SUL vai promover a troca de conhecimentos, de experiências e de boas práticas sobre o fenómeno da imigração e o combate ao tráfico de seres humanos.

Este seminário vai contar com a participação de especialistas oriundos de diferentes áreas. Entre os vários oradores, destacamos a presença de Manuel Albano (Coordenador do I Plano Nacional do Combate ao Tráfico de Seres Humanos), Luís Neves (Director Nacional Adjunto da Polícia Judiciária), Joaquim Pedro Oliveira (Director Nacional Adjunto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), Paulo Machado (Presidente do Observatório do Tráfico de Seres Humanos), Kátia Hernandez (Programa NÓS), Monica Goracci (Organização Internacional para as Migrações), Abigail Stepnitz (EAVES, Reino Unido) e Angelo Ferrillo (ARCI, Itália).

16 de Novembro de 2009 | 18:11

IMIGRAÇÃO

Tráfico de seres humanos em debate entre quarta e sábado em Portimão

17 | 11 | 2009 18.36H

Cerca de 200 participantes são esperados no seminário "Imigração e tráfico de seres humanos no Algarve", entre quarta-feira e sábado, em Portimão, tendo Portugal sinalizado cerca de 231 casos desde 2008.

DESTAK.LUSA | DESTAK@DESTAK.PT

O encontro, promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), reunirá especialistas de diferentes áreas, que vão debater este fenómeno, cujo crescimento se tem acentuado na Europa e que, em todo o mundo, atinge cerca de 700 mil pessoas.

De acordo com os dados do Observatório do Tráfico de Seres Humanos, Portugal sinalizou, desde 2008, um total de 231 casos de tráfico de seres humanos, dos quais 41 foram confirmados.

Segundo os dados, cerca de 90 por cento dos casos foram sinalizados a partir de denúncia das próprias vítimas, que são maioritariamente mulheres com cerca de 30 anos, solteiras, de nacionalidade estrangeira e, em dois terços das situações, sem autorização de residência no país.

Predominam entre as vítimas mulheres que trabalham em estabelecimentos nocturnos do Norte, maioritariamente oriundas do Brasil, mas também de duas dezenas de outros países.

O seminário "Imigração e tráfico de seres humanos no Algarve" insere-se nas actividades desenvolvidas pelo "Projecto Sul - Unidade de Apoio à Vítima Imigrante", que presta apoio especializado e itinerante a vítimas imigrantes e de tráfico de seres humanos, bem como de violência na região algarvia.

Financiado pelo Programa Operacional de Potencial Humano - Eixo 7 Igualdade de Género, Apoio Técnico e Financeiro às Organizações Não Governamentais (ONG), o "Projecto Sul" promove ainda o apoio aos imigrantes através da sensibilização e promoção do trabalho em rede entre as instituições.

Além do tráfico de seres humanos, o encontro abordará a vulnerabilidade e integração dos imigrantes, o estatuto de vítimas em Processo Penal, pretendendo suscitar o debate, a troca de conhecimentos, de experiências e de boas práticas sobre o fenómeno da imigração e o combate ao tráfico de seres humanos.

Confirmadas estão já as presenças de Manuel Albano, coordenador do Plano Nacional do Combate ao Tráfico de Seres Humanos, Luís Neves, director-adjunto da Polícia Judiciária, Joaquim Pedro Oliveira, director-adjunto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, e Rosário Farmhouse, alta-comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural.

Participam ainda Paulo Machado, presidente do Observatório do Tráfico de Seres Humanos, Kátia Hernandez (Programa NÓS), Monica Goracci (Organização Internacional para as Migrações), Abigail Stepnitz, do Reino Unido, e Angelo Ferrillo, de Itália.

O seminário tem início quarta-feira, às 14:00, num hotel da Praia da Rocha, estando a sessão de encerramento marcada para sábado, às 10:00.

Campanha visa prevenir crimes patrimoniais

2009-11-21

Os portugueses vão receber conselhos para "dificultar a vida aos ladrões" que cobijam os seus pertences. Numa campanha nacional a lançar em Janeiro, serão também recordados os apoios existentes a vítimas de crimes patrimoniais.

Integrada num projecto mais abrangente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) na área dos crimes contra o património, a campanha intitula-se "Se pode complicar, para quê facilitar?" e tem um objectivo preventivo e de informação "prática" sobre o que fazer em caso de crimes patrimoniais.

Os últimos dados sobre criminalidade realçam a importância da criminalidade contra o património, "alguma dela já com níveis muito grandes de violência", como disse à agência Lusa o director executivo da APAV, João Lázaro.

Há algum tempo não se colocava o problema dos roubos de telemóveis entre os jovens, pois estes equipamentos não eram frequentes. Não era igualmente comum ouvir falar de assaltos ou burlas a idosos com o objectivo de "levar" dinheiro ou objectos de valor. O "carjacking" não era notícia nos jornais.

O director executivo da APAV e coordenador do projecto salientou que as vítimas deste tipo de crimes, como roubos ou furtos, em casa ou na rua, sempre foram objecto do apoio especializado da associação.

"Desde há algum tempo havia a ideia de focar uma campanha com carácter fortemente preventivo relativamente aos crimes contra o património", explicou João Lázaro.

O responsável referiu que estes crimes, "face ao que se conhece dos números oficiais do relatório anual de segurança interna, representam uma boa fatia da criminalidade em Portugal".

O relatório referente a 2008 concluiu que os crimes contra o património continuam a representar a maior parte da criminalidade participada às autoridades portuguesas, atingindo 57 por cento do total.

O aumento das situações reportadas reflecte as subidas nos crimes de furto em residência com arrombamento, escalamento ou chaves falsas ou de furto em veículo motorizado. No entanto, o documento refere tendências contrárias, de descida do número de participações, nas burlas para obtenção de alimentos, na extorsão ou nos furtos por esticção.

"A campanha apela a uma participação dos cidadãos e a alguma mudança de atitude do ponto de vista preventivo.

Como caminhar na rua, nas zonas mais iluminadas ou cuidados na protecção da própria casa, [são] mensagens têm de ser continuamente reforçadas e presentes, brincando e apelando ao humor", avançou João Lázaro.

Por outro lado, será transmitido "o que fazer para recuperar a confiança ou o que fazer de um ponto de vista muito prático quando a carteira ou a mala é roubada, o que fazer relativamente aos cartões, aos cheques. [São] dicas e conselhos de como ajudar a vítima de crime".

Na área da segurança pessoal, a campanha privilegia dois grupos etários: "os jovens, com dicas muito específicas para os percursos habituais a pé, entre a escola e a casa, os transportes públicos, o telemóvel" e as pessoas idosas para "prevenções específicas", como a utilização do Multibanco.

A iniciativa resulta de uma parceria ao abrigo da lei do mecenato com a agência de publicidade JWT Portugal, que concebeu a campanha, e a Prosegur Activa, empresa do sector da segurança privada que se associa como parceiro estratégico da APAV.

Vai ser divulgada no final de Janeiro na televisão e na rádio, mas também serão distribuídos cartazes e folhetos com informação específica consoante o tipo de destinatário.



OPINIÃO

Dia Internacional Para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres

SAÚDE

■ ELISABETE ABEGÃO
E PATRÍCIA SILVA
■ Enfermeiras

A 25 DE NOVEMBRO [hoje]

comemora-se o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Foi em 1993, na Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos, que a comunidade internacional reconheceu esta violência como uma violação grave dos Direitos Humanos e uma forma de discriminação contra as mulheres.

As Nações Unidas e o Conselho da Europa são unânimes em considerar que a violência contra mulheres é um obstáculo à concretização da igualdade entre mulheres e homens, isto porque decorre das relações de força desiguais entre homens e mulheres e conduz a uma discriminação grave contra o sexo feminino, tanto na sociedade como na família; viola os direitos da pessoa humana e as suas liberdades fundamentais, impedindo de os exercer parcial ou totalmente; atentar contra a integridade física, psíquica e/ou sexual das mulheres.

A violência contra mulheres existe sob várias formas. O agressor tem por objectivo, em qualquer uma delas, controlar a mulher, isolá-la, torná-la frágil e insegura. Assim sendo, temos a violência física em que o agressor empurra, esmurre, morde, dá socos e pontapés, agride com armas e outros objectos, entre outras. A violência psicológica, em que o agressor faz ameaças, parte objectos, destrói bens pessoais, dá murros nas paredes e faz perseguição.

Na violência emocional critica pensamentos, sentimentos, opiniões e acções, culpa de tudo o que corre mal, tem atitudes de ciúme extremo, não deixa sair de casa, trata como se fosse a empregada e não considera as suas opiniões. A violência verbal, que também é muito comum, em que o agressor insulta, faz comentários cruéis e grita.

Por sua vez, na violência económica o agressor tira o dinheiro, esconde a situação financeira e nega o acesso à conta bancária, controla todas as despesas. Por vezes, a mais escondida é a vio-

lência sexual em que o agressor critica e chama prostituta, a vítima é forçada a toques e actos sexuais não desejados, o agressor exige sexo quando está doente, cansada ou depois de lhe bater. Todos estes tipos de violência podem surgir associados.

A violência contra as mulheres é um problema de saúde pública com custos para a sociedade. Custos económicos e sociais provocando um aumento de despesas com cuidados de saúde, solicitações aos tribunais, polícia e serviços sociais. Provoca, ainda, perdas de produtividade e de remunerações devido às faltas ao trabalho. Custos ao nível da saúde, porque implicam a perda de anos de vida saudável com consequências como fracturas, dores crónicas, homicídios, doenças sexualmente transmissíveis, gravidezes não desejadas, infertilidade, depressões, ansiedade, suicídios, entre outros.

Violência doméstica

Considera-se violência doméstica todo o tipo de agressão física, sexual ou psicológica que ocorre em ambiente familiar e que inclui maus tratos, abuso sexual de mulheres e crianças, violação entre cônjuges, crimes passionais, mutilação sexual e outras práticas tradicionais nefastas, incesto, ameaças, privação arbitrária da liberdade e exploração sexual e económica. Este tipo de violência resulta da dominação e controlo de um indivíduo sobre o outro indivíduo, a violência doméstica não tem fronteiras e ocorre em todos os estratos sociais, faixas etárias, religiões, etnias, etc. De acordo com os dados da Estrutura de Missão Contra a Violência Doméstica, em Portugal, um em cada três mulheres sofre algum tipo de violência durante a sua vida.

Em Portugal, a violência doméstica é um crime público punível com pena de prisão até cinco anos de cadeia quando se trata de maus-tratos entre cônjuges ou entre quem conviver em condições idênticas, bem como quem infringir ao progenitor ou descendente comum em primeiro grau. A violência tem um padrão e ocorre com base num ciclo de violência com três momentos: acumulação de tensão, explosão ou fase de violência e a lua-de-mel.



No primeiro momento designado de acumulação de tensão qualquer motivo conduz à discussão, podendo ocorrer pequenos episódios de violência. Num segundo momento dá-se uma explosão de violência, em que o agressor exerce totalmente o poder e descarrega a sua tensão sobre a vítima. Por último, na terceira fase, a chamada lua-de-mel, em que surge o arrependimento e as promessas de alteração dos comportamentos. Estas fases vão-se desenvolvendo em espiral, aumentando a frequência e intensidade até a vítima deixar de acreditar na mudança de atitude.

Na maioria dos casos a mulher continua a viver com o agressor,

tem instituições que fornecem apoio e garantem confidencialidade e que pode apresentar queixa na esquadra da PSP ou GNR mais próxima, Polícia Judiciária ou serviços do Ministério Público do Tribunal da sua Comarca.

Existem vários serviços de apoio para sobreviventes da violência doméstica, nomeadamente:

- Linha de Emergência Nacional, serviço de apoio gratuito através do telefone 144, 24 horas por dia, proporciona alojamento e encaminhamento para os recursos da comunidade;
- Linha Telefónica de Informação às Vítimas de Violência Doméstica, serviço de informa-

Mas como saber se se está a viver uma relação amorosa violenta? Podemos falar de relação amorosa violenta quando o namorado/namorada agride fisicamente, dá ordens, toma todas as decisões, não valoriza as opiniões do parceiro, é ciumento e possessivo e não deixa sair com amigos, humilha em frente de terceiros, culpa pelos seus comportamentos violentos, assusta e pressiona a ter relações sexuais, não aceita o fim da relação...

Mas todos têm o direito de não ter namorado, expressar as suas ideias e opiniões, expressar os seus sentimentos, escolher o seu trabalho e religião, viver sem medo e ter tempo para si, gastar o seu dinheiro como bem entende, ser ouvido e apoiado pela sua família e amigos, expressar as suas convicções, competências e talentos, decidir sobre o que quer fazer.

Este tipo de violência tem sido pouco valorizado mas pode ter consequências físicas e mentais graves como: perda de apetite e emagrecimento excessivo, dores de cabeça, nódoas negras, queimaduras, nervosismo, tristeza, ansiedade, sentimentos de culpa, baixa auto-estima, confusão, depressão, isolamento, gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, baixa de rendimento escolar, abandono escolar, suicídio.

Quando se conhece alguém envolvido em situações de namoro violento o que fazer?

- Tentar fazer perceber que está a viver uma situação de violência e que esta é punível por lei;
- Que tem o direito de viver sem

violência e a ser respeitado;

- Procurar alguém que possa informar e auxiliar.

Em caso de namoro violento os serviços de apoio a procurar são os mesmos que foram anteriormente referidos para a violência doméstica e, também, o CIDM - Comissão para a Igualdade e para os Direitos da Mulher. Esta comissão dispõe de um serviço de informação e consulta jurídica, gratuito e confidencial.

A violência entre namorados é um crime punível pela lei, nomeadamente, Código Penal. A queixa pode ser apresentada na PSP ou GNR.

Numa relação saudável nenhum dos dois manda no outro e ambos mostram afectos, respeito e apoio mútuo. É normal surgirem conflitos mas é fundamental diferenciá-los das situações de violência. Os conflitos surgem em diversas ocasiões e resolvem-se através do diálogo e da procura conjunta de soluções. A violência tende a ocorrer de forma repetida e a agravar-se com o passar do tempo.

Conclusões

Para além da violência doméstica e namoro violento existem outras formas de violência contra as mulheres, como o assédio sexual, a violação, o tráfico de mulheres e a mutilação genital feminina.

As estatísticas dão conta da gravidade e magnitude do problema da violência contra as mulheres, no entanto, estes valores não representam a totalidade dos casos existentes porque ainda existe muita violência escondida por vergonha, medo, pressões sociais e económicas. Todas as mulheres têm o direito de viver em liberdade, em segurança, de andar na rua sem serem incomodadas ou assediadas, utilizar transportes sem receio, abrir a porta de casa sem medo...

Cabe a todos os cidadãos estarem atentos e denunciarem para se poder acabar com a violência contra as mulheres. |

Referências bibliográficas

www.amcv.org.pt
www.igualdade.gov.pt
www.umat.no.sapo.pt
II Plano Nacional Contra a Violência Doméstica (2007-2010)



ESPECIAL

APESAR DO AUMENTO DAS DENÚNCIAS

Violência doméstica MATA cada vez mais MULHERES

CINCO meses, dez mulheres mortas. São os últimos registos sobre violência doméstica, anunciados pelo Observatório de Mulheres Assassinadas, desenvolvido pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), que já o ano passado divulgou dados arrepiantes – 41 mulheres tinham morrido, vítimas da agressão por parte dos maridos, companheiros e/ou namorados. Não há, portanto, motivos para sorrir no Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres (25 de Novembro).

“Apesar de o número de denúncias ter aumentado, a violência contra as mulheres é cada vez mais fatal e letal”, alerta Daniel Cotrim, da Associação Portuguesa de

Apoio à Vítima (APAV). Se há mais de uma década, a preocupação era sensibilizar as pessoas para fazerem a denúncia, neste momento é perceber que o facto de **“a violência ser mais perigosa e letal quer dizer que não se tem implementado, ou têm até falhado, os programas de prevenção junto das pessoas”**, explica.

Um novo agressor

A nova realidade de uma violência doméstica cada vez mais mortal tem que ver também com o surgimento de um novo perfil de agressor. O estereótipo de há 15 anos atrás já não é apenas **“o de um indivíduo insuportável, bêbedo ou toxicodependente”**, explica Daniel Cotrim:

“Nas nossas estatísticas, o retrato possível é um homem relativamente jovem (25-40 anos), com alguma instrução e sem problemas de alcoolismo ou toxicodependência.” Muitas vezes, adianta o responsável da APAV, estamos até **“a falar de um indivíduo que, socialmente, está bem estruturado, mas que, no íntimo do seu lar, abusa da violência física e psicológica”**.

É também este homem que está mais perto das armas do crime. **“A maioria das mulheres são assassinadas por agressores detentores de armas ilegais”**, revela Daniel Cotrim. Portanto, há que mudar de estratégia: **“Temos de saber como controlar o acesso às armas, perceber**

NOVA LEGISLAÇÃO **Prisão preventiva e pulseira electrónica para agressores**

No passado 26 de Setembro, foi aprovado um novo estatuto sobre violência doméstica, que está agora à espera de regulamentação. No documento, há duas ideias novas: **“A prisão preventiva e a pulseira electrónica, mas veremos se vai funcionar, pois, se antigamente as medidas de coacção já demoravam a ser aplicadas, algumas**

destas serão ainda mais, já que exigem flagrante delito, por exemplo”, revela Daniel Cotrim. É sabido que **“não acontece grande coisa aos agressores”**, afirma o estudioso. Contudo, **“às vítimas acontece muita coisa: têm de fugir e ir para casas de abrigo, vivem com medo, aterrorizadas e apoiadas por associações”**.



A falha na prevenção e o acesso às armas são responsáveis pelo aumento de mulheres assassinadas. O cenário de violência infantil também não é melhor.

de que forma se faz e quais os grupos de risco.”

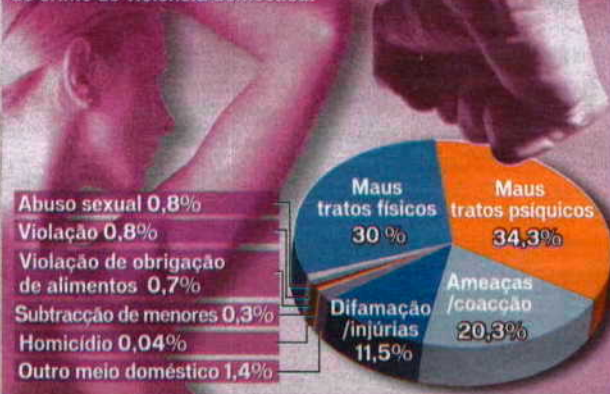
Medidas de prevenção

Daí ser “fundamental trabalhar junto de crianças e jovens as questões da relação conjugal, da igualdade de oportunidades”. Depois, “há que trabalhar com quem pode fazer alguma coisa dos jovens: os professores, as associações juvenis e as famílias”. A título de exemplo, o responsável da APAV salienta a existência de um programa de “formação de professores, no Porto, que trabalha as questões da violência sexual e doméstica com os próprios alunos”. Isto é, não se pode ficar apenas por “sessões de 50 minutos.”

Esta é uma batalha de anos por parte da APAV. E entende-se porquê: “A lei de violência doméstica fala também das relações de namoro” e a verdade é que “chegam até nós casos de adolescentes que são abusadas e violentadas pelos namorados de forma continuada”, alerta Daniel Cotrim.

Crimes de violência

Entre os 16 832 casos registados conseguiram identificar-se vários tipos de crime de violência doméstica.



Nota: Dados disponibilizados pela APAV, relativos ao ano de 2008.

ESPECIAL

(Continuação da página anterior)

Ao que parece, o cenário não mudará enquanto as mentalidades não mudarem... Afinal, segundo o responsável da APAV, "a violência contra as mulheres continua a ser uma luta de poder, passada de geração em geração, entre o, supostamente, mais fraco e o mais forte."

Violência infantil

Em 2007, a APAV registou 506 denúncias de crianças vítimas de maus tratos. No ano seguinte, esse número subiu para 622. Porém, não podemos concluir de imediato que houve um aumento do número de vítimas menores de idade. Daniel Cotrim, um dos responsáveis pela organização, explica porque: "As pessoas estão mais sensibilizadas para denunciar as situações, mas não podemos afirmar que houve um aumento desse tipo de crime ou vitimação. Há, sobretudo, um aumento de informação e o facto de as pessoas estarem mais informadas e atentas também as leva a denunciarem mais depressa." O facto de ser um crime público possibilita que qualquer pessoa possa denunciar o caso às autoridades competentes – PSP, GNR, Ministério Público, Polícia Judiciária ou organizações como a APAV. Na sua maioria, as denúncias prendem-se com maus tratos físicos/psicológicos e abusos sexuais e são feitas por pessoas próximas das vítimas. "A maioria das



denúncias chega através de professores, familiares, vizinhos ou amigos. O próprio tem dificuldade em denunciar, pois trata-se de uma criança, sem autonomia para se deslocar e não muito informada", revela

Daniel Cotrim, que adverte mais atenção para com as crianças, mas não de forma excessivamente controladora: "Não há um agressor a cada esquina e, felizmente, não há uma vítima a cada esquina."

Por que pedem ajuda?

A linha SOS Criança recebe inúmeros apelos. Saiba quais os motivos que levam as pessoas a pedir ajuda infantil. Aqui ficam os principais



Nota: Dados disponibilizados pelo Instituto de Apoio à Criança — Linha SOS Criança, relativo ao ano de 2007. 48/09/Maria — Infografia Impala/Mónica Santos

Textos: Andreia Trindade Lopes e Andreia Campos; Fotos: Arquivo Impala; Agendamentos: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Instituto de Apoio à Criança — SOS Criança (IAC — SOS Criança); União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR)



Governo assinala Dia da Eliminação da Violência

No âmbito das comemorações do Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher, que se celebra esta quarta-feira, a Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, através das direcções regionais da Igualdade de Oportunidades e da Solidariedade e Segurança Social e do Instituto de Acção Social, promove um conjunto de eventos nas ilhas Terceira e São

Miguel, com vista a assinalar a efeméride. Neste contexto, um grupo de mulheres irão visitar esta quarta-feira de manhã, o núcleo de Arte Sacra do Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, tendo como objectivo proporcionar um contacto com a arte. Às 14H30 decorre no Auditório da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, uma Mesa Redonda

moderada pela jornalista Laura Lobão e que conta como convidados Helena Costa da APAV, José Leão do Ministério Público, Maria José Raposo da UMAR e Sandra Furtado do Centro de Apoio à Mulher. Durante este evento será, ainda, lançado o conto infantil “Diário do Meu Segredo”, da autoria da escritora Susana Teles Margarido, uma obra que visa alertar as crianças para a pro-

blemática da violência doméstica. Seguindo-se um momento musical da responsabilidade da artista Teresa Gentil. No mesmo dia, na Praça Velha, em Angra do Heroísmo e na Praça Francisco Ornelas da Câmara, na Praia da Vitória, na ilha Terceira, assinala-se a efeméride com diversas iniciativas. Na quinta-feira, às 9 horas, decorre no Centro Cultural e de

Congressos de Angra do Heroísmo, um seminário subordinado ao tema “Não Fique na Sombra”. Apresentação do conto infantil “Diário do Meu Segredo” cuja dramatização estará a cargo do Grupo de Teatro do Liceu de Angra do Heroísmo é outro dos eventos previstos. Já no dia 28 deste mês, terá lugar no Centro Cultural de Angra do Heroísmo, durante a

hora do conto infantil, a leitura do conto “Diário do meu Segredo”. As iniciativas contam com o apoio da Rede de Apoio à Mulher em Situação de Risco de S. Miguel e Terceira, da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, da Câmara Municipal da Praia da Vitória, da Confederação Operária Terceirense, da Santa Casa da Misericórdia da Praia da Vitória e da UMAR.



Prevenção da violência e afectos são tema de debate em Montemor

Iniciativa da Associação Fernão Mendes Pinto realiza-se amanhã, no auditório da Biblioteca Municipal

Aldo Aveiro

■ A conferência "Afectos e (Des)-Afectos: Prevenir a Violência, um desafio de Cidadania" é uma iniciativa promovida pela Associação Fernão Mendes Pinto, no âmbito do projecto Tempus (POPH, Tipologia 7.3), a realizar amanhã, Dia Internacional da Não Violência Contra a Mulher.

A conferência integra-se no Programa de Iniciativas da Campanha intitulada "Educar para os Afectos" e, segundo Marta Santos, coordenadora do projecto Tempus, «pretende reunir profissionais de diferentes áreas de intervenção para que, em conjunto, seja possível pensar os contextos da violência e repensar as estratégias de intervenção neste domínio», sublinhando que «é actualmente unânime que vivemos numa sociedade com constantes manifestações de violência». «Sabemos também que os mais expostos, directa ou indirectamente, são as pessoas mais vulneráveis, entre elas, as crianças e adolescentes, as mulheres, e os idosos», pelo que, afirma, «esta iniciativa surge em tempo oportuno, visando trocar experiências e estratégias que minimizem esta problemática».

Neste contexto, explica Marta Santos, «é urgente a interrupção dos ciclos de violência, através do desenvolvimento de estratégias de intervenção e que efecti-



BIBLIOTECA Municipal de Montemor recebe a conferência

vamente permitam o desenvolvimento de atitudes de auto-controle o mais precocemente possível», enfatizando que «a educação para a não-violência ou a educação para os afectos são prioridades». «A prevenção da violência diz respeito a todos nós e é, sem dúvida, um dos maiores desafios de cidadania do século XXI», conclui.

A iniciativa realiza-se no auditório da Biblioteca Municipal, estando abertas as inscrições junto da entidade organizadora (telefone 239687170; fax: 239687175 e email: geral@afimp.pt).

O programa inicia-se pelas 14h30, com a recepção aos participantes, seguindo-se a sessão

de abertura, com a intervenção de Luís Leal, presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, José Guerra, presidente da Associação Fernão Mendes Pinto, e Marta Santos, coordenadora do Projecto Tempus.

Pelas 15h00, o tema "Conjugalidade e Afectos" será proferido por Natália Cardoso, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima de Coimbra. Catarina Morgado, da Escola Superior de Educação de Coimbra, apresentará, pelas 15h45, uma dissertação sobre "A Criança e os Afectos". Após um breve intervalo, os trabalhos continuam, com a intervenção de José Ferreira Alves, representante da Rede Internacional de Prevenção de Maus Tratos às Pessoas Idosas, que vai reflectir sobre o tema "A Violência contra os Idosos: Sinais de Alerta", seguindo-se um debate. ■

ARQUIVO



ID: 27722646

24-11-2009

DIA INTERNACIONAL COMEMORADO AMANHÃ

Terceira e São Miguel reflectem violência contra a mulher

No âmbito das comemorações do Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher, que se celebra amanhã, a Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social promove um conjunto de eventos nas ilhas Terceira e São Miguel.

Na Praça Velha, em Angra do Heroísmo e na Praça Francisco Ornelas da Câmara, na Praia da Vitória, assinala-se a efeméride com diversas

iniciativas.

Na quinta-feira, às 9h00, decorre no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, um seminário subordinado ao tema “Não Fique na Sombra”.

A apresentação do conto infantil “Diário do Meu Segredo”, cuja dramatização estará a cargo do Grupo de Teatro do Liceu de Angra do Heroísmo, é outro dos eventos previstos.

Já no dia 28 deste mês, terá


lugar no Centro Cultural de Angra, durante a hora do conto infantil, a leitura do conto “Diário do meu Segredo”.

Em São Miguel, às 14h30 de amanhã decorre no Auditório da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, uma Mesa Redonda moderada pela jornalista Laura Lobão.

A iniciativa conta como convidados com Helena Costa da APAV, José Leão do Ministério Público, Maria José

Raposo da UMAR e Sandra Furtado do Centro de Apoio à Mulher.

Durante este evento será, ainda, lançado o conto infantil “Diário do Meu Segredo”, da autoria da escritora Susana Teles Margarido, uma obra que visa alertar as crianças para a problemática da violência doméstica.

Segue-se um momento musical da responsabilidade da artista Teresa Gentil. 

ACONTECEU...

25 de Novembro de 2008

Comemora-se o Dia Internacional Contra a Violência Contra as Mulheres, que tem vindo a ser celebrado em todo mundo por entidades públicas e organizações não governamentais.

Este ano, como nos anteriores, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) alerta, com veemência, para a necessidade de não se tolerar qualquer forma de violência exercida contra as mulheres, em particular a violência doméstica. A dinâmica da intolerância social a estas formas de violência já é uma conquista da sociedade portuguesa mas que tem de ser ainda mais fomentada e aprofundada. Reflexo desta conquista é número crescente de pessoas da esfera social da vítima - familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e até entidades patronais - que procura a rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV e a sua Linha de Apoio à Vítima (707 2000 77) para pedir apoio.



Mudanças legais aumentam garantia das vítimas de violência

Joana Marques Vidal, presidente da direcção nacional da APAV considera que as alterações legais introduzidas durante o último mês reforçam a protecção às vítimas de violência doméstica. Nos Açores, foram denunciados 902 casos, até 30 de Setembro, segundo dados do Ministério Público

LUÍS PEDRO SILVA
(silva@acorianorienteal.pt)

As alterações penais introduzidas com uma nova lei para combater a violência doméstica (lei 112/2009) que entrou em funcionamento a 16 de Outubro, veio melhorar as garantias de segurança para as vítimas de violência doméstica, porque permite a detenção do agressor fora de flagrante delito.

"Neste momento em relação aos crimes de violência doméstica aplica-se um regime distinto em relação aos outros crimes quanto à detenção fora de flagrante delito", revela Joana Marques Vidal, presidente da direcção da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O novo modelo jurídico permite às autoridades policiais prenderem o agressor em casos de violência doméstica, mesmo que não tenham assistido presencialmente às agressões, porque a maioria dos casos de violência acontece no interior das residências, sem a existência de testemunhas.

Todas as pessoas detidas por violência doméstica passam a ficar em salas de detenção em esquadras da polícia, "impedindo a repetição da actividade criminosa, durante as próximas horas".

No entanto, Joana Marques Vidal defende que "deveria existir uma alteração do regime de detenção no Código do Processo Penal", porque considera que "alterações parciais num regime geral são sempre negativas e levantam interpretações que complicam a aplicação da lei".

O quadro legal também permite, a título de exemplo, as mulheres vítimas de violência doméstica requererem a mobilidade no local de trabalho. No



Joana Marques Vidal incentiva as vítimas a denunciarem as agressões

Durante o último ano a APAV apoiou 177 pessoas vítimas de violência, a residir no arquipélago dos Açores

A grande maioria das vítimas é casada e está na faixa etária entre 26 e 45 anos, tendo o 2º ciclo de escolaridade

entanto, como a maioria das empresas regionais não apresenta ligações com empresas nacionais torna-se impraticável beneficiar deste sistema de mobilidade, que permite afastar o agressor da vítima.

Aliás, segundo a informação da APAV, nenhuma mulher dos Açores solicitou a aplicação deste programa de mobilidade.

"Esta é uma decisão legal, relativamente recente e é provável que as vítimas não tenham conhecimento que podem socorrer desta lei", considera Joana Marques Vidal.

Aumento de casos de violência
Segundo dados do Ministério Público foram denunciados 902 casos de violência doméstica nos

Açores, até 30 de Setembro.

Os casos de violência doméstica nos Açores apresentam uma maior incidência do que no Continente ou Madeira, sendo motivo para a realização de diversos estudos científicos para a analisar e compreender os motivos da existência de uma elevada percentagem de casos de violência doméstica nos Açores.

Joana Marques Vidal, presidente da APAV, refere que a "violência ainda é uma atitude muito tolerada. Existe um problema cultural grave no âmbito das relações pessoais na família".

O consumo de bebidas alcoólicas funciona como "potência da violência nas relações pessoais".

No entanto, a existência de um aumento de denúncias de casos

de violência doméstica "também poderá representar a consciência que este tipo de comportamento não poderá ser permitido".

Quando as queixas de violência doméstica chegam aos tribunais verifica-se "em muitos casos" que as vítimas ou familiares das vítimas "não pretendem prestar declarações", dificultando a condenação dos agressores.

A representante da associação de apoio à vítima considera que "as mulheres não se devem calar", podendo recorrer a linhas de apoio de forma anónima para saberem os procedimentos que podem adoptar para se defenderem das agressões.

"A grande maioria das vítimas quando se socorre de uma associação já foi vítima de violência durante muitas vezes, mesmo durante anos, até ganharem coragem e sentirem-se desesperadas para denunciar a situação. Muitas vezes perguntam-me o que é mais importante na luta contra a violência doméstica? O mais importante é a vítima querer deixar de ser vítima", reforça a presidente da APAV.

A existência de violência doméstica durante o namoro começa a ser alvo de denúncia à APAV.

Na maioria dos casos as situações não apresentam violência física, mas revela ciúmes e um controlo obsessivo.

"O que se nota é a existência de grandes ciúmes e um controlo excessivo. O limite do ciúme é uma linha ténue, porque não se pode permitir que escolha a roupa que usa, controlar as companhias e os locais que frequenta. A maioria das vítimas não se queixa na fase de namoro, mas depois do casamento referem que já durante o namoro o homem era agressivo", sublinha a representante da associação de apoio à vítima. ||



Dia internacional contra a violência contra as mulheres

Comemora-se hoje o Dia Internacional Contra a Violência Contra as Mulheres, que tem vindo a ser celebrado em todo mundo por entidades públicas e organizações não governamentais.

Este ano, como nos anteriores, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) alerta, com veemência, para a necessidade de não se tolerar qualquer forma de violência exercida contra as mulheres, em particular a violência doméstica. A dinâmica da intolerância social a estas formas de violência já é uma conquista da sociedade portuguesa mas que tem de ser ainda mais fomentada e aprofundada. Reflexo desta conquista é número crescente de pessoas da esfera social da vítima – familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e até entidades patronais – que procura a rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV e a sua Linha de Apoio à Vítima (707 2000 77) para pedir apoio.

O número de processos de apoio da APAV tem vindo a aumentar, contribuindo para uma maior visibilidade do problema. De acordo com os dados estatísticos da APAV, o número de crimes de violência doméstica registados no 1.º semestre de 2009 subiu 9% face ao mesmo período de 2008.

De um total de 7788 crimes em 2008, a APAV passou para um total de 8496 no 1.º semestre de 2009. Crimes como os maus tratos físicos e psíquicos, ameaças/coacção, crimes sexuais no âmbito de relações de intimida-

de, entre outros, reflectiram um significativo aumento face a 2008.

De destacar que entre tentativas de homicídio e homicídios consumados, de 2008 para 2009, estes subiram de 4 para 18 casos (1.º semestre).

A protecção e as respostas que as leis penais e o sistema de justiça criminal conferem à vítima devem ser cada vez mais efectivas, de forma a que a intervenção de emergência desencadeada pelas organizações de apoio seja completada por uma resposta interessada e diligente do sistema judicial.

Mais do que novas leis e estatutos legais, urge tornar efectiva a sua aplicação de forma a que quem é vítima de crime confie na Justiça: mais frequente e atempada aplicação de medidas

de afastamento dos agressores; clarificação da detenção fora de flagrante delito; entre outras.

A APAV recorda que se a sociedade não exigir, de si própria e das suas instituições, justiça, apoio e integração das vítimas, estas serão remetidas para a fragilidade e para o perigo, podendo mesmo chegar a sofrer a morte.

Combater a violência contra as mulheres é um dever numa sociedade democrática. Um dever que começa em cada cidadão.

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
(Texto recebido por e-mail)





ENFRENTAR OS MONSTROS E ACABAR COM A VIOLÊNCIA

Estreia hoje o monólogo "Vulcão", que retrata a violência doméstica. A convite do i, uma psicóloga da APAV foi assistir a um ensaio da peça



A peça de teatro "Vulcão" estreia amanhã e decorre até 20 de Dezembro na sala estúdio do Teatro Dona Maria II. O monólogo é interpretado por Custódia Gallego. Os bilhetes custam de €6 a €12

D.R.

VANDA MARQUES
vanda.marques@ionline.pt

Batia-lhe, violava-a e não a deixava sair de casa. Mesmo assim, ela continuava a referir-se ao marido como o "meu bruto". Usar o possessivo "meu" parecia acalmar a fúria. Ajudava-a a sobreviver e a pensar que afinal não era assim tão mau. "Era o meu", dizia Valdete.

Estava casada há 13 anos com um homem que dizia que a amava, ao mesmo tempo que a espancava. Ela sentia ódio e também medo de o perder. A escalada de violência chegou ao ponto de o marido raptar o próprio filho e de a fazer andar de trela. Apesar de Valdete não existir, podia ser uma mulher de carne e osso. É a personagem que Custódia Gallego interpreta em "Vulcão", a nova peça do Teatro Dona Maria II, em Lisboa. A obra sobre violência doméstica, escrita por Abel Neves e encenada por João Grosso, é um monólogo que estreia amanhã e nos acorda para uma realidade que atinge muitas mulheres. Custódia está sozinha em palco, mas a presença violenta

do marido sente-se nas conversas. A atriz diz que a mensagem da peça é um alerta: "Sabemos que existe este tipo de violência, mas não percebemos que é importante estarmos atentos para ajudarmos. Devemos pensar no que podemos fazer para minimizar a dor destas mulheres."

A psicóloga Cátia Rodrigues trabalha há sete anos na Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a convite do i foi assistir ao ensaio da peça "Vulcão". "É um alerta importante para quem não conhece esta realidade. Tal como a existência do Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher [que se assinala hoje], uma data em que muita informação chega a estas mulheres. Ficam a saber o que podem fazer para quebrar o ciclo de violência, que organizações pode contactar e como a vão ajudar."

Valdete não chegou a pedir apoio, nem sabia que existia. Vivia numa casa no campo afastada da vila. Raramente saía por-

que o marido controlava os seus movimentos, um comportamento comum dos agressores. Um simples: "Onde vais?", "Com quem?" ou "A que horas voltas?", pode parecer um gesto carinhoso, mas por vezes é uma forma de controlo. A estratégia vai evoluindo e chega ao extremo de os maridos obrigarem a mulher a apresentar recibos do dinheiro que gastou. "Recordo-me de uma vítima que não trabalhava e o marido só a deixava sair para ir ao médico. Para nos conseguirmos encontrar tivemos de lhe pagar os bilhetes e combinar uma consulta com a médica de família."

SOBREVIVENTES Não é uma equação fácil. Como é que o amor se transforma em violência? E como diz Valdete: "Como é que ele mudou de homem para monstro?"

"É uma situação que pode acontecer a qualquer pessoa. Há quem tenha uma natureza mais submissa, mas não há regras nem padrões", explica a psicóloga Cátia Rodrigues. Em muitos casos, cria-se uma relação de dependência emocional e depois de lhes destruírem a auto-estima, as vítimas acreditam que não prestam e que nunca vão conseguir fugir.

A violência doméstica é um crime público e qualquer pessoa tem obrigação de o denunciar. Organizações como a APAV, a UMAR ou a Associação de Mulheres Contra a Violência ajudam as vítimas a tomarem as decisões correctas. Os planos de segurança podem incluir medidas simples ou chegar mesmo a planear uma fuga. "Por exemplo, se a maior parte das agressões é na cozinha, não convém ter facas à descoberto", explica a psicóloga. Cátia Rodrigues defende que a solução tem de ser adaptada a cada caso. "Começamos com coisas tão básicas como criar uma conta à parte da conjunta. Damos apoio psicológico, social (arranjar emprego), e jurídico. Ajudamo-las a reencontrar a auto-estima e a capacidade de acreditar em si mesmas."

Números

26

mulheres foram assassinadas desde o início do ano

43

foram vítimas de tentativa de homicídio

64%

das mulheres assassinadas viviam com os companheiros

36%

foram vítima dos parceiros de quem estavam divorciadas ou separadas

52%

das tentativas de homicídio foram praticadas pelos companheiros com quem a mulher ainda mantinha uma relação de intimidade

23%

das tentativas foram cometidas por ex-maridos, ex-companheiros e ex-namorado

O ciclo da violência doméstica





DIA CONTRA VIOLÊNCIA SOBRE MULHERES

Se acabares comigo, eu mato-te

JOSÉ MIGUEL GASPAR
actualidade@jn.pt

Vinte e seis mulheres foram assassinadas este ano em Portugal. São quase metade das que morreram em 2008 (45), mas há um novo dado alarmante: as portuguesas vítimas da violência de género são cada vez mais novas.

Não é um monstro sem cara que sai do escuro para berrar, agredir e matar; é pior do que isso: os agressores das vítimas de violência de género, na monstruosa maioria dos casos, são íntimos das mulheres que matam.

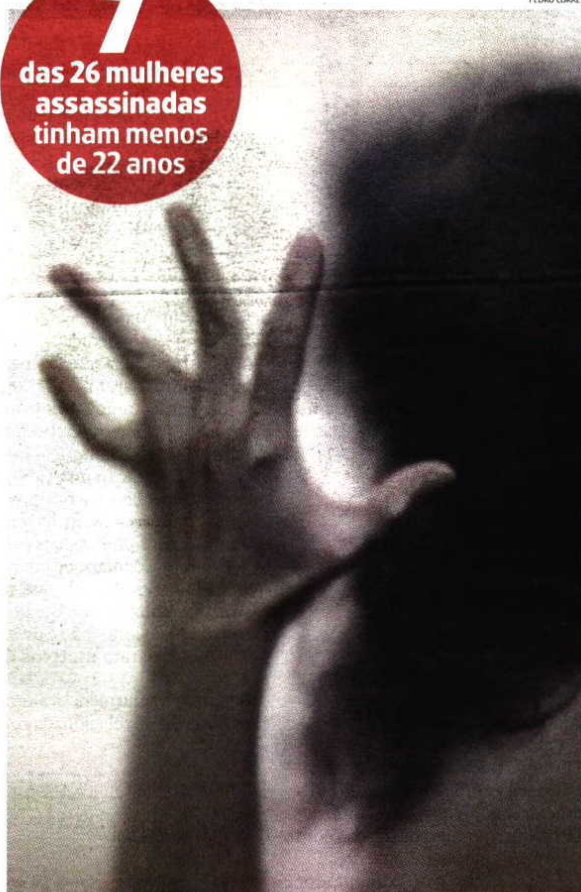
A conclusão consta no relatório 2009 do Observatório de Mulheres Assassinadas, instrumento criado em 2004 pela associação União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) para medir e analisar a violência de género praticada no nosso país.

Os maridos matam mais

Segundo dados agora conhecidos – hoje é Dia Internacional para a Eliminação da Violência sobre a Mulher –, o número de mulheres mortas em 2009 por maridos ou namorados constitui 64% dos casos; destas mulheres, mais de metade foram mortas por parceiros de quem já estavam separadas.

Este preocupante quadro comportamental mantém-se imóvel: das 45 assassinadas em 2008 – foi o pior ano desde que a UMAR iniciou a contagem, e contaminou

7
das 26 mulheres
assassinadas
tinham menos
de 22 anos



PEDRO CORREIA

Majoria das tentativas de homicídio (52%) é praticada por maridos e/ou namorados

ainda o 1.º semestre de 2009, com aumento relativo de 9% –, 40 caíram mortas às mãos dos companheiros ou ex-companheiros.

Mas, mais alarmante ainda é este dado: sete das 26 mulheres massacradas no curso do ano corrente tinham menos de 22 anos. Se alargarmos o espectro de idade das assassinadas até aos 35 anos, a situação não melhora, piora: das 26 vítimas mortais, 17 delas estavam abaixo daquela idade.

Também a maioria das tentativas de homicídio (52%) continua a ser praticada pelos maridos/companheiros/namorados com quem a mulher ainda mantém relação de intimidade, enquanto 23% foram cometidos por ex-consortes.

Lei 112/2009 está manca?

A prevenção e assistência à vítima de violência doméstica tem uma nova lei (n.º 112/2009) desde Setembro. Mas, aparentemente, a lei está manca.

É o diz Joana Marques Vidal, procuradora-geral adjunta: “É preciso reivindicar junto dos políticos condições para a aplicar”. E cita um exemplo prático para depois perguntar: “O artigo 20 da nova lei diz que as vítimas de agressão têm o direito, durante o processo jurídico, de não se cruzar com o agressor. Mas depois, na prática, no dia-a-dia dos nossos tribunais, isso faz-se? Não, claro que não se faz”. ■

Sobreviventes vão ter em 2010 nova terapia de ajuda em grupo

As mulheres vítimas de violência de género no Norte vão ter, já em Janeiro, acesso a “terapia inovadora”. O projecto chama-se GAM (Grupos de Ajuda Mútua) e propõe a imersão de mulheres abusadas em grupos terapêuticos onde todas partilhem do mesmo contexto. O projecto é desenvolvido por uma estrutura estatal que junta a Universidade do Minho à Comissão para a Cidadania e Igualdade do Género. “Há duas ideias centrais”, explicou ao JN Carla Machado, psicoterapeuta da equipa científica: “Por um lado, tiramos aquelas mulheres da escuridão e, por outro, esperamos que elas contem posições positivas com outras com entreajuda”. O primeiro grupo (10 vítimas, sessões semanais e gratuitas durante 2 meses), arranca em Janeiro no Porto, devendo alargar-se depois para três grupos. “Este tipo de organização grupal já existia, mas o financiamento e estruturação com uma agência governamental é novo”, diz Carla Machado. O Estado chega tarde às mulheres batidas? “Creio que não. Chega num timing lógico para o nosso contexto social”.



ID: 27696286

22-11-2009

DESTAQUE DA SEMANA

Mulheres com mais direitos

■ Dia Internacional pela Erradicação da Violência Contra as Mulheres é assinalado na próxima quarta-feira

● ANDRÉ PEREIRA

Cerca de 70 por cento das mulheres em todo o Mundo já foram física ou sexualmente agredidas por homens ao longo da sua vida. De acordo com o retrato feito pelo Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher, a maioria das agressões é levada a cabo pelos próprios maridos, parceiros ou alguém muito próximo da vítima.

Em Portugal, a situação não é muito diferente conforme os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (ver quadro). De forma a proteger quem é agredido, a procuradora-geral adjunta, Joana Marques Vidal reclama junto das estruturas políticas responsáveis condições físicas e administrativas para que a nova lei sobre violência doméstica seja aplicada. "As vítimas devem ser ouvidas em condições especiais", afirmou a procuradora-geral adjunta, num colóquio sobre 'Violência Doméstica e as Alterações Legislativas', referindo-

-se à necessidade de não existir contacto entre agressor e vítima.

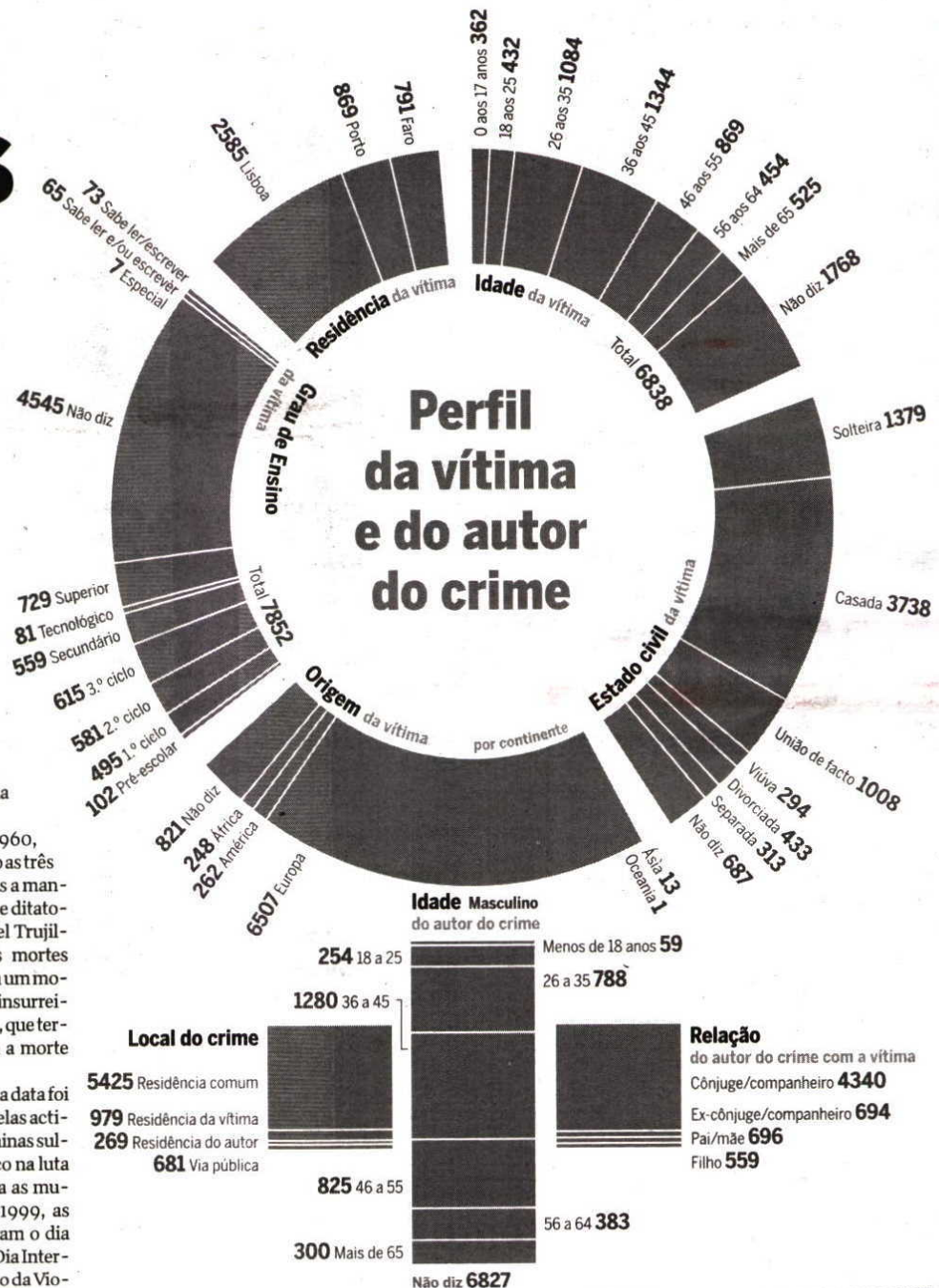
Esta quarta-feira, assinala-se o Dia Internacional pela Erradicação da Violência Contra as Mulheres como forma de recordar o assassinato das três irmãs Mirabal, na República Dominicana.

Decorria o ano de 1960, quando a 25 de Novembro as três irmãs foram assassinadas a mando do regime ditatorial de Rafael Trujillo. As suas mortes provocaram um movimento de insurreição do povo, que terminou com a morte do ditador.

Em 1981, a data foi escolhida pelas activistas feministas sul-americanas como marco na luta contra a violência contra as mulheres. Mais tarde, em 1999, as Nações Unidas decretaram o dia 25 de Novembro como o Dia Internacional pela Erradicação da Violência Contra as Mulheres. ■

Mulheres são vítimas de agressões físicas ou sexuais

Perfil da vítima e do autor do crime





PRIMEIRO PLANO

VIOLÊNCIA E MAUS-TRATOS NA FICÇÃO



"Tema tem de ser bem trabalhado"

"O maior risco é que se não for um tema bem trabalhado estamos a reforçar um conjunto de estereótipos"

Marta Silva, Coordenadora do Núcleo de Violência Doméstica da CCIJ

"Transmitir informação"

"A forma como as situações são tratadas, se for bem feita, acaba por ter um efeito positivo, por transmitir comentários de informação"

Daniel Cotrim, psicólogo da APAV

Agressão à mulher cresce na televisão

Estudo norte-americano revela que a violência nas séries está a aumentar

ANA GASPAR
agaspar@jn.pt

Nos últimos cinco anos, as cenas de violência a mulheres e jovens aumentaram na ficção norte-americana. Na portuguesa, crescem as imagens de maus-tratos domésticos. Mas isso não tem de ser necessariamente mau.

Com um contributo de peso das séries policiais ou de investigação forense, como "CSI", as cenas de violência contra mulheres e adolescentes estão a crescer na televisão norte-americana. O observador Parents Television Council elaborou um estudo comparativo onde se conclui que desde Fevereiro a Maio de 2004 e os meses homólogos deste ano, as imagens de agressões a mulheres cresceram 120% e a mulheres jovens 400%. Espancamentos, violações, disparos e apunhalamentos, são alguns dos exemplos apontados pelo estudo.

Tim Winter, presidente desta organização, citado pela agência Reuters, pediu às estações que ponham fim a esta tendência e lembrou que nos EUA a violência a mulher e jovens é superior 2% à "violência geral". No seu entender, esta banalização das imagens faz com que estas agressões possam ser vistas como normais.

"Não fazemos uma relação directa", entre o aumento das cenas e o crescimento de actos violentos, explicou Daniel Cotrim, psicólogo da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Na sua opinião se, por um lado, é verdade que as cenas são um veículo de transmissão de actos violentos; por outro, a forma como as situações são tratadas acaba por ter um efeito positivo.

"Corre-se sempre o risco. Quanto mais expostos tivermos, mais tendência temos para banalizar", sublinha, "mas também convém referir que aquelas cenas que são bem feitas estão associadas a comentários de informação". E lembra situações em que os personagens utilizam a expres-



Alguns dados do estudo

5
anos
chegaram
para marcar
a diferença

■ Situações mais utilizadas

Segundo os dados, as cenas revelam agressões como de espancamentos, violações, disparos e apunhalamentos.

■ Jovens mais afectadas

Se a violência contra mulheres aumentou 120%, às mais jovens o crescimento é de 400%.

são "victim support" que é traduzida pela sigla APAV, "sem que tenha sido feito algum pedido" pela organização.

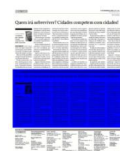
No caso português, o psicólogo revelou que a APAV tem sido consultada por algumas equipas de produção, "até para evitar excessos em relação às imagens", bem como para se introduzir a componente informativa - sobre auxílio prestado às vítimas - nos guiões. Actualmente, "Flor do mar", em exibição na TVI, é uma das produções que aborda esta questão.

Marta Silva, coordenadora do Núcleo de Violência Doméstica, da Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, sublinha que a inclusão destas temáticas nas produções de ficção é "uma maneira de chegar a um público onde outro tipo de campanhas não chega". Mas alerta para o facto de os temas terem de ser "bem trabalhados", para que não produzam o efeito oposto.

"Morangos" exibiu cena em que se apelava ao silêncio diante da agressão, diz especialista

E lembra: "Há dois anos, em 'Morangos com açúcar', uma das jovens que era agredida pelo namorado foi aconselhada por alguns amigos a não denunciar a situação. Dizer a milhares de jovens que uma situação destas era passível de não ser denunciada" iria "reforçar um conjunto de estereótipos", que, em último caso, até poderão desculpar os maus-tratos.

Tozé Martinho, argumentista, tratou numa das suas novelas - "Deixa que te leve" - as agressões no seio de um casal jovem. Na sua pesquisa, o autor ouviu investigadores e policiais sobre este tema. "Faz falta às pessoas tomarem consciência das coisas que às vezes nos passam ao lado", disse. ■



ID: 27737618

25-11-2009

OPINIÃO

O 10.º Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra as Mulheres

■ MANUEL
AUGUSTO
DIAS
■ Professor



INFELIZMENTE os jornais continuam, quase todos os dias, cheios de notícias que dão conta de violência entre homens e mulheres, pelos mais diversos motivos: passionais, ciúmes, interesses económicos, disputas familiares. As mulheres, por regra, são as vítimas! No dia em que se assinala a violência exercida contra as mulheres, os meios de comunicação, com toda a sua força persuasiva na opinião pública, vêm recordar os números desse drama, que, infelizmente, ocorre em todas as latitudes e longitudes deste planeta.

Do mesmo modo, as instituições que mais se empenham no combate a este tipo de comportamento criminoso continuam acusar um aumento de todo o tipo de violência contra as mulheres. Se os locais destes crimes, não têm identificação prévia, porque podem suceder em todo o lado, também não podemos dizer que os agressores e as suas vítimas sejam, apenas de um estrato social, não há gente de todos os estatutos sociais, num papel e noutro.

Há três anos, em Portugal, o Ministério da Administração Interna divulgou um número assustador, para a dimensão populacional do nosso País: mais de 20 mil crimes relacionados com violência doméstica, o que dá uma média diária superior a 50 destes crimes. Outro dado divulgado pelas autoridades

policiais portuguesas, é que os autores destas violências são maioritariamente do sexo masculino, têm 25 anos ou mais anos e, normalmente, são companheiros, namorados, ex-namorados, cônjuges, ex-cônjuges e/ou ex-companheiros das vítimas.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima tem uma rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima e duas Casas de Abrigo, onde acolhem e apoiam todo o tipo de vítimas que se encontram neste âmbito de violência, como sejam: maus-tratos físicos e psíquicos; ameaças; coação; difamação e injúrias; violação e outros crimes sexuais; subtração de menores; violação da obrigação de alimentos; homicídio entre outros.

O dia 25 de Novembro foi definido como Dia Internacional da Não-Violência contra a Mulher,

no I Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado há 28 anos (em 1981) em Bogotá, capital da Colômbia. A principal razão para escolher essa data foi para evocar as irmãs Minerva, Maria Teresa e Pátria Mirabal que foram assassinadas no tempo da ditadura de Leónidas Trujillo, na República Dominicana.

Dez anos, mais tarde, a 25 de Novembro de 1991, seria iniciada uma campanha a nível mundial pelos Direitos Humanos das Mulheres, coordenado pelo Centro de Liderança Global da Mulher, que propôs 16 dias de luta contra a Violência sobre as Mulheres, que decorreram entre 25 de Novembro desse ano e 10 de Dezembro, que era precisamente a data de aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 1948.

Finalmente, em Março de 1999, o 25 de Novembro seria reconhecido pela Organização das Nações Unidas como o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra a Mulher.

Nesse dia, o Secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, proferiu a seguinte mensagem, que continua plena de sentido: "A violência contra as mulheres causa enorme sofrimento, deixa marcas nas famílias, afectando as várias gerações, e empobrece as comunidades. Impede que as mulheres realizem as suas potencialidades, limita o crescimento económico e compromete o desenvolvimento. No que se refere à violência contra as mulheres, não há sociedades civilizadas. (...) A luta contra este flagelo exige que abandonemos uma maneira de pensar que é ainda demasiado

comum e está demasiado enraizada e adoptemos outra atitude. Que demonstremos, de uma vez por todas que, no que toca à violência contra as mulheres, não há razões para ser tolerante nem justificações toleráveis. (...) Devemos trabalhar juntos para criar um ambiente em que a violência contra as mulheres não seja tolerada".

Somos, naturalmente, contra todo o tipo de violência, física e mental, seja de homens sobre mulheres, de mulheres sobre homens, de polícias sobre os cidadãos, dos pais sobre os filhos e vice-versa e de todos os outros tipos.

O Homem como ser racional, deve ser capaz de preferir, em todas as circunstâncias e perante todo o tipo de vicissitudes, a palavra, os valores, o bom senso à violência. I



ciudadania

Dia internacional contra a violência contra as mulheres

Comemora-se hoje o Dia Internacional Contra a Violência Contra as Mulheres, que tem vindo a ser celebrado em todo mundo por entidades públicas e organizações não governamentais.

Este ano, como nos anteriores, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) alerta, com veemência, para a necessidade de não se tolerar qualquer forma de violência exercida contra as mulheres, em particular a violência doméstica. A dinâmica da intolerância social a estas formas de violência já é uma conquista da sociedade portuguesa mas que tem de ser ainda mais fomentada e aprofundada. Reflexo desta conquista é número crescente de pessoas da esfera social da vítima – familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e até entidades patronais – que procura a rede nacional de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima da APAV e a sua Linha de Apoio à Vítima (707 2000 77) para pedir apoio.

O número de processos de apoio da APAV tem vindo a aumentar, contribuindo para uma maior visibilidade do problema. De acordo com os dados estatísticos da APAV, o número de crimes de violência doméstica registados no 1.º semestre de 2009 subiu 9% face ao mesmo período de 2008.

De um total de 7788 crimes em 2008, a APAV passou para um total de 8496 no 1.º semestre de 2009. Crimes como os maus tratos físicos e psíquicos, ameaças/coacção, crimes sexuais no âmbito de relações de intimida-



de, entre outros, reflectiram um significativo aumento face a 2008.

De destacar que entre tentativas de homicídio e homicídios consumados, de 2008 para 2009, estes subiram de 4 para 18 casos (1.º semestre).

A protecção e as respostas que as leis penais e o sistema de justiça criminal conferem à vítima devem ser cada vez mais efectivas, de forma a que a intervenção de emergência desencadeada pelas organizações de apoio seja completada por uma resposta interessada e diligente do sistema judicial.

Mais do que novas leis e estatutos legais, urge tornar efectiva a sua aplicação de forma a que quem é vítima de crime confie na Justiça: mais frequente e atempada aplicação de medidas de afastamento dos agressores; clarificação da detenção fora de flagrante delito; entre outras.

A APAV recorda que se a sociedade não exigir, de si própria e das suas instituições, justiça, apoio e integração das vítimas, estas serão remetidas para a fragilidade e para o perigo, podendo mesmo chegar a sofrer a morte.

Combater a violência contra as mulheres é um dever numa sociedade democrática. Um dever que começa em cada cidadão.

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
(Texto recebido por e-mail)

Terra suporta cada vez menos impacto ecológico do homem

A Terra suporta cada vez menos o impacto ecológico das actividades humanas, já que são necessários 18 meses ao planeta para regenerar os recursos que a humanidade consome num ano, segundo um estudo de um grupo de investigação privado norte-americano ontem publicado.

Os dados recolhidos numa centena de países pelo Global Footprint Network, um grupo de defesa do ambiente, indicam que a humanidade consome recursos e produz

dióxido de carbono (CO2), principal gás com efeito de estufa, a um ritmo 44% mais elevado do que a natureza pode produzir e absorver. «As ameaças iminentes que enfrentamos hoje, nomeadamente as alterações climáticas mas também a desflorestação, a diminuição das pescas, a sobre-utilização da água doce, são sintomas de uma tendência alarmante», escrevem os autores deste relatório.

Redacção/Lu

BOM SUCESSO
LOJA CHINESA
Oferta de um brinde a todos os clientes

JÁ ABRIU

Rua Conselheiro Januário, 179 – BRAGA (Em frente à Escola Sá de Miranda)

TEMPO

Nas regiões Norte e Centro, céu geralmente muito nublado, com abertas a partir da tarde na região Norte. Períodos de chuva, em especial no Minho e Douro Litoral, passando gradualmente a regime de aguaceiros a partir da tarde, e que serão de neve acima dos 1200/1400 metros. Vento fraco a moderado do quadrante Sul, soprando temporariamente moderado no Litoral e rodando gradualmente para Noroeste. Nas Terras Altas, o vento soprará forte de Sudoeste, com rajadas da ordem dos 80 quilómetros por hora, rodando para Noroeste ao final do dia e enfraquecendo. Neblina ou nevoeiro matinal. Subida da temperatura mínima, em especial no Litoral. Pequena descida da temperatura máxima. Nos distritos de Braga e de Viana do Castelo, períodos de chuva, passando a aguaceiros. Vento fraco a moderado de Sul, tornando-se fraco de Noroeste. Temperatura entre os 9 °C e os 13 °C e entre os 11 °C e os 14 °C, respectivamente. No distrito de Viana do Castelo, ondulação de Oeste, com 2,5 a 3,5 metros de altura, fixando-se a temperatura da água do mar nos 17 °C.

Estado do mar
Costa Ocidental: ondas de Oeste com 2,5 a 3,5 metros.
Temperatura da água do mar: 17/18 °C.
Costa Sul: ondas de Sudoeste com 1 a 1,5 metros.
Temperatura da água do mar: 19 °C.



Sida já matou 25 milhões de pessoas

Cerca de 25 milhões de pessoas morreram devido à sida desde que surgiu a doença e 60 milhões foram infectadas, mas as novas infecções diminuíram 17 por cento nos últimos oito anos, anunciou ontem a ONUSida.

«A tendência revela uma descida nas novas infecções em 17 por cento», desde 2001, com o principal progresso a registar-se na África Sub-Sariana, segundo o relatório anual deste organismo das Nações Unidas.

No ano passado, as infecções por VIH na África Sub-Sariana representaram 72 por cento do total de 2,7 milhões de novas infecções em todo o mundo.

Redacção/Lusa

COMBATE À CRISE!
EMPRESAS - ARVAL RENTING

DIMENSÃO	IV	MICHELIN	BRIDGESTONE	CONTINENTAL	GOODYEAR	1º PREÇO
165/70R13	T	35,90€	34,90 €	34,90 €	32,90 €	21,90 €
175/65R14	H	48,90€	47,90 €	47,90 €	44,90 €	28,90 €
185/60R14	H	52,90€	48,90 €	52,90 €	46,90 €	28,90 €
195/50R15	H	54,90€	48,90 €	47,90 €	46,90 €	34,90 €
195/65R15	V	58,90€	57,90 €	57,90 €	55,90 €	38,90 €
205/55R16	V	82,90€	74,90 €	72,90 €	69,90 €	46,90 €
225/45R17	Y	124,90€	122,90 €	124,90 €	114,90 €	59,90 €
205/50R17	W	154,90€	130,90 €	126,90 €	126,90 €	58,90 €

PREÇOS ESTIMADOS. PREÇO DE DESEMBOLSO DOS SALVOS PARA TIPO DE PREÇO DO RENTING DE STOCK. PREÇOS COM IVA E MONTAGEM INCLUIDOS.

SEAT/VW/AUDI	RENAULT/CITROEN/PEUGEOT/PIAT	MERCEDES/BMW
REVISÃO 64,50 €*	REVISÃO 54,50 €*	REVISÃO 74,50 €*

MUDANÇA OLEO E FILTRO 7500KM - 22,50 €**

MUDANÇA DE OLEO CONSIDERANDO 3,5 LITROS DE LUBRIFICANTE NA MUDANÇA.

PNEUS - ALINHAMENTOS - EQUILIBRAGENS - MECÂNICA GERAL
OLEOS - FILTROS - TRAVÕES - AR CONDICIONADO - AMORTECEDORES

PARA SERVIÇOS MARCADOS OFERTA DE DIAGNÓSTICO A TRAVÕES E SUSPENSÃO

SAFETYRE, Lda - PARQUE INDUSTRIAL DE CELEIRÓS
(JUNTO À ALFANDEGA) - BRAGA - Tel./Fax 253 28 61 62

CONSTRUÇÕES FERREIRA SILVA & FILHOS, LDA.

Telef./Fax: 253 694 264
Tlem.: 919 787 813 - 917 176 404

Vivendas em Banda e Gaveio em Parada de Tibães

Prontas e em fase de acabamentos

Óptimas vistas para a cidade, Sameiro, Bom Jesus, Montariol e estádio Municipal

Equipadas com:

Aquecimento central	Pré-instalação de ar condicionado	Soalho pregado "garapa"	Garagem p/ 4 carros
Recuperador de calor	Cozinha completa	Portão automático	Pré-instalação de alarme
Estores eléctricos	Tectos falsos e focos	Pré-instalação música ambiente	Vídeo porteiro ou câmara
	Pré-instalação asp. central	Gradeamento em aço inox	Terreno +- 360m²

Lote individual c/ 860 m² em Parada de Tibães - 70.000 € • Duas garagens individuais c/ 15 m² cada ao lado do Continente



Concelhos de Viseu e Lamego destacam-se **APAV recebeu 105 denúncias de violência doméstica em 2008**

Viseu é um dos distritos do país com maior número de denúncias relativas à violência doméstica, segundo dados nacionais de 2008, fornecidos pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). No distrito, Viseu, Lamego e Tondela são os concelhos mais atingidos pelo flagelo

SEIA DE MATOS



O distrito de Viseu é dos que regista mais casos a nível nacional

"A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) recebeu o ano passado 105 pedidos de ajuda de pessoas vítimas de violência doméstica, oriundos do distrito de Viseu", informou ontem Daniel Cotrim, assessor técnico da Direcção da APAV.

Estamos perante uma matéria candente, já que hoje se comemora o Dia para a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres.

A Loja Ponto JA, do Instituto Português da Juventude (IPJ), realiza uma tertúlia subordinada ao tema 'Stop Violência', a partir das 19h00. Daniel Cotrim sublinha que "a APAV sabe muito bem que o distrito de Viseu é complicado em termos de vitimização, particularmente na área da violência doméstica".

Acrescenta que "90% dos contactos das vítimas são feitos por telefone", dirigidos para os Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra (33), Lisboa (29), Porto (29) e Vila Real (15).

Maus-tratos psíquicos e físicos são a maioria

Viseu, com 53 pedidos de ajuda, Lamego (17) e Tondela

(10) são os três concelhos com maior número de solicitações, que "se estendem, em maior ou menor número, por todos os municípios do distrito", esclarece.

"Em 73 por cento dos casos não se está perante uma situação de crise. Somos contactados por pessoas do sexo feminino e a idade da vítima oscila entre os 18 e os 55 anos, estando a maior parte, 22,8 por cento, na faixa entre os 26 e os 35 anos", refere o assessor técnico da Direcção da APAV.

Sobre a tipologia dos crimes registados, a APAV informa que em 33,7 por cento dos casos referem-se a maus-tratos psíquicos, em 27 por cento a maus-tratos físicos, em 15,8 por cento devido a ameaças ou coacção e em 10,2 por cento das situações encontram-se perante difamação e injúrias.

Vítimas têm formação superior ou o 1º Ciclo

Num retrato robot das vítimas, realça que "em cerca de 95 por cento das situações são mulheres".

Quanto ao estado civil das agredidas, em 55,7 por cento das vezes são casadas. "Relativamente ao nível de ensino, as maiores percentagens vão para pessoas com o ensino superior e com o 1.º ciclo do ensino básico". E acentua: "Isso prova que o fenómeno da violência doméstica é transversal à sociedade".

Ainda no tocante às vítimas, os dados da APAV indicam que **17,7 por cento são reformadas e 16,5 por cento são desempregadas**. "Estamos perante pessoas que se encontram muito vulneráveis do ponto de vista social, por estarem dependentes", assinala Daniel Cotrim.

Em relação à caracterização do autor do crime de agressão, a grande percentagem está na faixa etária que vai dos 26 aos 55 anos, sendo 57 por cento dos casos casados com as vítimas. Seguem-se os casos em que a relação entre o agressor e a vítima é a de pai ou mãe, em 11,9 por cento das vezes, filho/filha (8,9 por cento) e ex-cônjuge ou ex-companheiro (8,9 por cento).



Tertúlia sobre violência

"Stop à violência" é o tema da tertúlia que se realiza, às 19h00, no auditório do Instituto Português da Juventude (IPJ). A oradora é Margarida Carmo, psicóloga e membro da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

Violência nas mulheres “ainda acontece com muita frequência”

Só este ano já morrem 26 mulheres vítimas da violência dos maridos ou namorados. Mente dos agressores é algo complexo e difícil de perceber

Margarida Alvarinhas

■ Joana, estudante no ensino superior em Viseu, foi violentamente assassinada pelo namorado que, depois de tentar encobrir o crime, acabaria por confessar o homicídio da jovem. Foi vítima de violência contra as mulheres e, neste caso, a história terminou da pior maneira: com a morte. «Infelizmente estas situações acontecem com muita frequência», lamentou ontem Natália Cardoso, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) de Coimbra, durante uma conferência sobre prevenir a violência, que decorreu no auditório da Biblioteca Municipal de Montemor.

O caso de Joana não foi nem será o único. Junta-se a jovem de Castelo Branco que, também recentemente, foi degolada pelo namorado à frente do pai, e muitas outras mulheres. Ao todo, e segundo dados da ULMAR, só este ano houve 26 mulheres mortas pelos maridos ou namorados. Mais, adiantou Natália Cardoso, «aumentam os casos de pessoas que denunciam tentativas de homicídio». «Muitas destas situações que por vezes são desvalorizadas terminam de forma trágica», constatou ainda a responsável, durante o encontro promovido pela Associação Fernão Mendes Pinto e que teve em vista assinalar o Dia Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres.

Na mente do agressor, diz a responsável da APAV, está muitas vezes a ideia do «se não és minha não és de mais ninguém». Mas para além desta obsessão pode haver um sem número de razões difíceis de entender e, até, descobrir. «Perceber o que se passa na cabeça do agressor é sempre muito complexo», considerou a oradora, que falava para um auditório repleto de participantes, a esmagadora maioria mulheres.

«Por mais que eu conheça situações, por mais teorias que tenha lido, é sempre complicado compreender porque é que isto continua a acontecer», admitiu Natália Cardoso, considerando mesmo que a liberdade e a emancipação alcançada pelas mulheres ainda não foi suficien-



SALA CHEIA para ouvir falar sobre como prevenir a violência

Pulseira electrónica para agressores de Coimbra e Porto

■ A secretária de Estado para a Igualdade revelou ontem que já estão disponíveis nos distritos de Coimbra e Porto 50 pulseiras electrónicas que os magistrados podem aplicar aos agressores de violência doméstica.

Elza Pais, que falava aos jornalistas à margem da apresentação da campanha “Maltrato Zero”, defendeu que a actual legislação, nesta matéria, «é suficiente», mas que é preciso reforçar ainda

mais a protecção das vítimas.

«As 50 pulseiras electrónicas estão disponíveis em Portugal para poderem ser aplicadas já em dois distritos por parte dos magistrados ao nível da protecção de crimes, ao nível de crimes onde está avaliado o risco de uma agressão grave ou eventualmente um homicídio», revelou.

Estas pulseiras electrónicas funcionam através de um alarme que é emitido quando os agressores se aproximam das vítimas, contrariamente às pulseiras electrónicas aplicadas no âmbito do regime da prisão domiciliária, que alertam as autoridades quando os arguidos saem de casa. I

te para «romper com estas situações que nos impedem de ter relações mais livres».

Pedir ajuda

E perante isto, o que fazer? «Mudar a forma de pensar e de intervir» e «pedir ajuda», responde a responsável da APAV. Mas como mudar? «Rompendo o ciclo de violência», acrescenta. Na verdade, e explicando melhor, a experiência e os estudos levam Natália Cardoso a dizer que a violência sobre as mulheres funciona de forma

cíclica. «O ciclo começa com uma fase de maior tensão, em que se vão acumulando pequenos comportamentos de violência, até que explode». Depois desta violência, prosseguiu, vem uma fase de «apaziguamento», uma espécie de «lua-de-mel, em que o agressor pede desculpa e a vítima acredita que vão acontecer mudanças».

Mas geralmente nada muda, a menos que se procure ajuda. No Hospital Sobral Cid, por exemplo, «há acompanhamento com apoio psiquiátrico para

agressores», exemplificou, explicando que, para as vítimas, há entidades e associações que as ajudam a estabelecer um «plano de acção e segurança».

Mas tão importante como dar resposta a situações de violência, é prevenir. E neste ponto Natália Cardoso aponta como chave a educação, seja nos adultos, seja nos jovens, através de acções de sensibilização, por exemplo, apostando em comportamentos não violentos.

“Afectos e (Des)Afectos: prevenir a violência, um desafio de cidadania” foi uma conferência promovida pela Associação Fernão Mendes Pinto, integrada num projecto mais alargado da associação, o “Tempus”. Na sessão de abertura, o presidente da associação, José Guerra, lembrou que, em Portugal, desde o início do ano, contabilizam-se já 800 queixas-crime de violência doméstica, 46 tentativas de homicídio e 26 crimes. «A violência é uma tragédia que tem de ser interrompida», considerou.

Durante o encontro, foram ainda oradoras Catarina Morgado, da Escola Superior de Educação de Coimbra, que abordou o tema “Crianças e os afectos”, e Margarida Pedrosa de Lima, representante da Rede Internacional de Prevenção de Maus Tratos às Pessoas Idosas, que abordou “A violência contra os idosos: sinais de alerta”. I

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

**Agressores com
pulseira
electrónica**

➔ A secretária de Estado para a Igualdade revelou ontem que já estão disponíveis nos distritos de Coimbra e Porto 50 pulseiras electrónicas que os magistrados podem aplicar aos agressores de violência doméstica.

Elza Pais defende que a actual legislação nesta matéria “é suficiente”, mas é preciso reforçar ainda mais a protecção das vítimas. Nesse sentido, apontou que há “projectos no terreno de vigilância electrónica pela assistência à vítima no que de mais inovador se está a fazer na União Europeia”, projectos apenas levados a cabo por Portugal e Espanha.

As pulseiras podem ser aplicadas ao nível de crimes onde está avaliado o risco de uma agressão grave ou eventual homicídio.

O número de crimes de violência doméstica registados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) aumentou 9% face ao mesmo período de 2008. Nos primeiros seis meses do ano, a APAV identificou um total de 8496 crimes, enquanto no primeiro semestre de 2008 foram contabilizados 7788 crimes.

Os maus-tratos físicos e psíquicos, ameaças/coacção e crimes sexuais no âmbito de relações de intimidade reflectiram um “significativo aumento”. ■



Três histórias fatais

Uma paixão obsessiva

JOANA Fulgêncio tinha 20 anos e namorava há cinco com David. Ele era visto pelos vizinhos como um rapaz calmo, que dava nas vistas pelo aspecto cuidado no Politécnico de Viseu, onde estudava Engenharia do Ambiente. «Pintava o cabelo de louro, usava auto-bronzeador e tinha cuidado com a imagem», contam as colegas. Joana e David tinham uma relação obsessiva, feita de zangas e reconciliações. Ele era controlador e ciumento, ela completamente apaixonada por ele. Na semana passada, saíram para jantar. Ele disse à mãe dela que tinham sido vítimas de *carjacking* e Joana foi encontrada morta, no dia 18 de Novembro, na mala do carro, na barragem de Fagilde, Mangualde. No mesmo local, onde o pai foi morto a tiro há quatro anos. Tinha várias marcas de agressão, o crânio esmagado e um saco de plástico na cabeça. A Polícia desconfiou do relato do sequestro e David acabou por confessar: matou-a com um objecto cortante. Está preso.

Dificuldade em aceitar o fim da relação

CARLA Martins tinha 28 anos, era mestre em Biologia, mas a falta de emprego levou-a a procurar trabalho num *call center* em Coimbra. A vida ia mudar. Carla tinha acabado de saber que ia ter direito a uma bolsa de estudo para fazer o doutoramento em Bruxelas. Para comemorar, combinou um jantar com uma prima. Estava a chegar a casa dos pais, em Castelo Branco, quando foi surpreendida pelo ex-namorado, que a esperava à porta. Tinha acabado a relação há um ano, mas as perseguições nunca terminaram. Ele não aceitava o fim. Naquela noite de 15 de Novembro, ele usou uma faca para a degolar. Ela debateu-se e o ruído nas escadas fez o pai dela sair para ver o que se passava. Encontrou a filha já morta, mas conseguiu segurar o agressor, que se encontra em prisão preventiva.

Medo de ficar sozinho

SANDRA Pontes foi morta no dia 13 de Novembro, num apartamento em Rio de Mouro, Sintra. Antes, foi torturada durante 14 horas pelo namorado, que a sequestrou, juntamente com uma amiga. Depois de maltratar e matar as raparigas, o rapaz, angolano, estuador de profissão, suicidou-se com a mesma faca que usara para cometer o crime que manchou de sangue as paredes da casa. Sandra tinha 23 anos e tentara acabar a relação por várias vezes. Adérito, de 25, ameaçou matar-se. Tinha medo de ficar sozinho. Naquela dia, ela resolveu pedir a uma amiga para ir à casa onde vivia com ele. O irmão levou-a até lá e foi-se embora. Adérito usou cordas para as amarrar, despiu-as e violou-as, em divisões diferentes do apartamento. Depois de perceber que a Polícia tinha sido chamada pelos familiares das vítimas, matou-se.

M.D. com Liliana Garcia

Joana foi encontrada num carro, na barragem de Fagilde, Mangualde. O namorado confessou o homicídio

CORREIO DA MANHÃ



Amor, ciúme e morte

Controladores e ciumentos, reagem com violência à rejeição

Margarida Davim

margarida.davim@sol.pt

«VAIS sair com essa roupa? Quem é este que te está sempre a ligar? Por que é que vais sair só com uma amiga? Não posso ir também?». O controlo no namoro começa de forma subtil, mas rapidamente deixa a vítima nas mãos do agressor.

«Depois disso, as raparigas deixam de ter identidade e daí até à violência física é um pequeno passo», explica Luísa Waldherr, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Pelas suas mãos passam cada vez mais casos de jovens vítimas de violência física e psicológica às mãos dos namorados.

Quando procuram ajuda, têm normalmente mais de 18 anos, mas os namoros começaram muitas vezes três ou quatro anos antes. Muitas são estudantes universitárias a viver longe da casa dos pais. Algumas sofrem durante anos, antes de denunciar a situação. Outras, acabam por casar e engrossar os números da violência doméstica.

Os dados disponíveis são poucos, mas só em 2008 a PSP e a GNR registaram 104 queixas – 97 foram feitas por raparigas – de agressões entre namorados.

«Cada vez mais este fenómeno tem uma maior visibilidade social, o que origina um maior número de denúncias destas situações», comenta Isabel Lima

da APAV, que teme, contudo, estar apenas perante a «ponta do icebergue do fenómeno, dado que muitas das vítimas não se percebiam como tal».

A dimensão da violência no namoro é difícil de perceber também pelo facto de este crime entrar nas estatísticas da violência doméstica – juntamente com as agressões entre casais em união de facto ou casados. Ainda assim, há dados reveladores: das 26 mulheres que morreram este ano às mãos de companheiros, metade tinha menos de 35 anos.

Joana Fulgêncio, morta em

veis pelos seus actos», observa Luísa Waldherr.

Teixeira de Sousa, especialista em terapia de casais, concorda. E lembra que «pessoas sem patologias diagnosticadas podem ter comportamentos destes».

Os casos de raparigas mortas pelos namorados nos últimos dias mostram isso mesmo. Rapazes pacatos, aparentemente sem perturbações mentais, acabaram por assassinar as namoradas. Sempre depois de elas tentarem acabar a relação.

«Habitualmente, são relações muito fortes que, quando terminam, dão origem a um sentimento de despeito também muito forte», diz o terapeuta.

A experiência de Luísa na APAV confirma a teoria. «É depois da primeira zanga, quando

elas tentam acabar a relação, que começam as ameaças e as agressões».

Segredos e fotos íntimas são armas da chantagem. «Dizem que vão contar coisas sobre elas aos pais ou que põem na internet as imagens que tiraram com o telemóvel em situações de intimidade». Mas há outras estratégias: «Trancam-na no carro e andam a altas velocidades ou ameaçam deixá-las em sítios desertos». E ainda há os que ameaçam o suicídio.

Depois das discussões, há a

reconciliação. «Ele manda mensagens, pede desculpas, diz que está arrependido». Mas está aberta a porta à agressão. «Na primeira discussão há uns insultos, na segunda uma estalada». E a partir daí a violência instala-se.

Nestas situações, os conselhos dados pela técnica da APAV são claros: mostrar firmeza e cortar todos os contactos. «Muitas vezes acabam a relação, mas mantêm o contacto e, quando eles sabem que elas têm novos amigos e uma nova vida, isso aumenta a frustração deles e pode levá-los a planejar a morte delas».

Mudar de número de telefone, não responder a mensagens e bloqueá-los em redes sociais com o Messenger, o Facebook e o Hi5 são passos essenciais para fugir à perseguição de ex-namorados violentos. «É importante que eles não tenham informação sobre o que se passa na vida delas».

Alguns casos acompanhados pela APAV mostram finais felizes: «Quando há processos-crime, isso leva-os a recuar e a afastarem-se. Mas muitas vítimas não querem fazer queixas formais». Em todos os casos, Luísa Waldherr aconselha que se procure ajuda. «É preciso saber o que lhes dizer, como lidar com eles. É muito importante perceber que cada situação é diferente».

‘É preciso cortar todo o contacto’, diz um especialista

Mangualde na semana passada, Carla Martins, degolada pelo ex-namorado em Castelo Branco há duas semanas e Sandra Pontes, sequestrada e assassinada, em Rio de Mouro, há quinze dias, são alguns dos nomes por trás dos números. (ver caixa).

Rapazes controladores, com dificuldade em lidar com a rejeição e problemas narcísicos são, normalmente, os agressores. «São pessoas com problemas de personalidade, embora isso não os torne inimpugnáveis. Eles são responsá-

APAV quer abrir gabinete de apoio à violência doméstica em Viseu

Texto de Emília Amaral  Fotos de Nuno Ferreira 

Está ainda fresco na memória de todos, o homicídio ocorrido em Mangualde na semana passada. O namorado de uma rapariga de 20 anos, confessou ter matado a namorada, encontrada no interior de um carro junto à Barragem de Fagilde. O rapaz de 22 anos, estudante de engenharia do Ambiente, enfiou-lhe ainda um saco na cabeça e meteu-a na mala do carro, que depois atirou para uma escarpa.

A violência deste crime assemelha-se a muitos outros, como a mulher de 31 anos que morreu espancada pelo companheiro no concelho de Carregal do Sal, como a Susana de Viseu que há sete anos foi queimada pelo namorado com o ácido sulfúrico, e muitos outros que ocorrem no país e fazem aumentar os números da violência doméstica. O número de crimes de violência doméstica registados pela Associação Portuguesa de Apoio à vítima (APAV) aumentou nove por cento face ao mesmo período de 2008. Nos primeiros seis meses do ano registou 8496 crimes, enquanto no primeiro semestre de 2008 contabilizou 7788. Desde o início do ano, 26 mulheres foram assassinadas.

Os dados foram recordados esta quarta-feira, Dia Internacional para a Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres.

Viseu não fica de fora desta realidade. A APAV registou no distrito 105 denúncias e têm surgido vários crimes ou tentativas de homicídio. A lista da União das Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) enquadra Viseu no conjunto dos distritos do país onde houve maior aumento de casos, sublinhando o aumento da violência doméstica no interior do país.

Face a esta realidade, a APAV insiste na necessidade de criar uma delegação em Viseu, porque acredita que a existência de estruturas locais da associação podem "ajudar a aumentar a denúncia, mas sobretudo o sentimento de segurança e de protecção da comunidade, porque as pessoas vêem que existe um serviço disponível para prestar apoio a todos os níveis", argumenta o assessor técnico da direcção da PAVA, Daniel Cotrim. "Noventa por cento das situações de denúncia que recebemos do distrito de Viseu são por telefone, porque não há outra forma, o gabinete mais próximo é o de Coimbra", adianta.

Daniel Cotrim lembra que o pedido para a criação do gabinete da APV em Viseu não surge agora, "já foram feitas diligências nesse sentido", mas acrescenta que "para além da sua [da APAV] vontade de ter estruturas mais próximas das comunidades, necessita da colaboração das autarquias, dos governos civis e de outras entidades". O tempo corre, mas o assessor considera que é preciso "dar tempo ao tempo" e "a seu tempo o apoio chegará", considerando não se tratar de "falta de vontade da autarquia".



Jornadas Contra a Violência na Casa do Brasil

O Gabinete de Apoio à Vítima de Santarém, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, e a Câmara Municipal de Santarém, organizam nos próximos dias 10 e 11 de Novembro as Jornadas Contra a Violência, na Casa do Brasil, em Santarém. Durante dois dias esta iniciativa vai promover, através de diversos painéis, o debate sobre diferentes formas de violência: “Violência na Net”; “Violência nas relações de intimidade”; “Apoio a vítimas e a familiares de vítimas de terrorismo e catástrofes” e “Violência contra as pessoas idosas”. A inscrição custa 5 euros por dia, valor que reverte a favor da APAV.

CRIANÇA



Mais novos também
têm direito a protecção

Os filhos da violência

Todas as crianças que testemunham situações de agressividade entre os pais são vítimas silenciosas desta relação conflituosa. Saiba como ajudá-las a lidar com este doloroso problema.

MEDO, gritos, discussões constantes, insultos, violência, opressão. Estes são apenas alguns dos elementos característicos do ambiente em que vive uma criança que assiste a episódios agressivos entre os pais. Quando falamos sobre violência familiar, pensamos normalmente na mulher como sendo a vítima preferencial de um homem que é o agressor, pois é o que se verifica com mais frequência. No entanto, esqueçemo-nos, muitas vezes, que este cenário conflituoso não exclui a presença das crianças. Apesar de este não ser um tema muito falado, todos os menores que testemunham situações de agressividade entre os pais também são vítimas, embora indirectas, deste tipo de violência.

A família é normalmente associada à segurança e protecção das crianças, no entanto, este é o espaço onde as mesmas são alvo de vitimação quer primária quer secundária, colocando, assim, em causa a necessidade que os mais novos têm de viver num ambiente consistente e previsível. Deste modo, os especialistas consideram que estas crianças são alvo de uma forma de abuso psicológico, uma vez que vivem num clima de medo e insegurança constantes.

Para que possa conhecer e entender um pouco melhor este fenómeno designado de violência interpaparental ou vicariante, a CRESCER falou com Manuel Coutinho, presidente do Instituto de Apoio à Criança (IAC) e coordenador da Linha SOS Criança, e Daniel Cotrim, assessor técnico da direcção da Associação de Apoio à Vítima (APAV), ambos psicólogos.

Consequências são sempre prejudiciais

Ao viverem em ambientes em que a violência conjugal é recorrente e onde os protagonistas são as figuras de apego e referência, os mais novos vêem ameaçada a sua concepção de casa e de família como contexto de protecção e segurança. Manuel Coutinho, presidente do IAC, explica que "as crianças crescem a acompanhar a imagem idealizada que têm da mãe e do pai e, ao verem a agressividade interpaparental, há como que um muro na mente afectiva dentro da própria criança, pois as pessoas que ela mais admira e que mais gosta não estão ao nível que desejava".

Embora a violência interpaparental não deixe marcas físicas, é indiscutível o impacto negativo que exerce nas crianças, originando problemas emocionais, cognitivos e comportamentais



Isolamento, tristeza e baixa auto-estima são alguns dos efeitos revelados pelos pequenos.

muito graves. "As reacções ou os efeitos da violência interpaparental dependem, obviamente, da idade de cada criança ou dos jovens, nomeadamente, das fases de desenvolvimento em que eles se encontram, mas os efeitos são sempre prejudiciais", revela Daniel Cotrim, assessor técnico da APAV.

Para este profissional, as crianças que assistem a episódios continuados deste tipo de situações, acabam por adquirir comportamentos que se caracterizam por "imensa angústia, ansiedade e culpa. Para além disso, são crianças muito deprimidas, com baixos índices de auto-estima". A estas manifestações após a vitimação juntam-se outras consequências, como medo de perder um dos pais, dificuldade em dormir e ocorrência de pesadelos, doenças relacionadas com o stress e comportamentos agressivos. De acordo com os nossos entrevistados e com estudos realizados sobre o tema, estas crianças costumam apresentar, igualmente, dificuldades ao nível da realização académica. No entanto, na sua prática profissional, Daniel Cotrim confessa que nunca verificou este tipo de efeitos nas crianças que acompanha.

Pais minimizam efeitos na criança

O impacto negativo que o testemunho de cenas de violência conjugal tem sobre os mais pequenos é frequentemente menosprezado. Erradamente, muitas pessoas acreditam que as crianças apagarão da memória a violência, se não se falar muito sobre ela, ou que, simplesmente, como os conflitos não são directamente com elas, não as afectam. Manuel Coutinho ►



Mulheres são as principais vítimas

De acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2008 esta instituição contabilizou nos seus atendimentos 18669 crimes, dos quais 90 por cento se referem a casos de violência doméstica. De entre estes casos, cerca de 90 por cento das vítimas foram mulheres e 90 por cento dos agressores homens, sendo que as faixas etárias onde se registou o maior número de vítimas foi entre os 26 e os 45 anos. No que refere aos agressores, a idade varia sobretudo entre os 26 e os 55 anos.

CRIANÇA



Algumas crianças passam de testemunhas a vítimas directas.

- confirma que, por vezes, os pais que são violentos na relação conjugal não têm a noção do quão estão a ser prejudiciais para os filhos. Contudo, para este especialista, *"não lhe dão uma coisa fundamental, um direito supremo que é o direito de termos segurança e tranquilidade dentro da própria casa"*, assegura.

Na realidade, é muito comum os pequenos desenvolverem um sentimento de culpa, considerando-se responsáveis pelas situações de agressões a que assistem. Por outro lado, alguns miúdos, sobretudo os mais velhos, acabam por passar de testemunhas a vítimas directas ao intervirem em defesa do progenitor agredido e na tentativa de acabar com o conflito.

Na opinião de ambos os psicólogos, os meninos que testemunham violência doméstica nem sempre sabem que este tipo de comportamento não é aceitável e podem pensar que magoar, ou serem magoadas, por alguém que elas amam não só é normal, como é correcto, criando, deste modo, a falsa ideia de que todos os conflitos se resolvem com atitudes agressivas. *"Os pais não se podem esquecer que as crianças funcionam como uma máquina de filmar, ou seja, registam na sua memória muito mais facilmente aquilo que vêem do que aquilo que lhes dizem para fazerem"*, alerta Manuel Coutinho.

Apoio psicológico é essencial

A violência doméstica e outros problemas familiares são frequentemente tratados com grande ocultação ou segredo, o que dificulta a sua detecção. Por vezes, a ocultação é uma maneira de garantir a segurança, mas na maior parte dos casos deve-se a sentimentos como vergonha e medo de ser julgado pelas outras pessoas. Como tal, para ajudar uma criança que presenciou violência doméstica entre os progenitores é fundamental apoiá-la e:

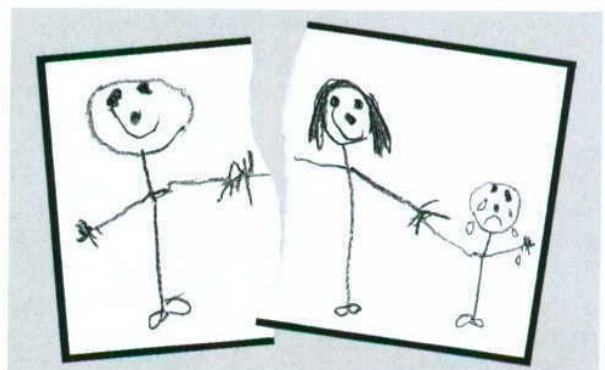
- Encorajá-la a falar sobre o que a preocupa, reforçando que não é responsabilidade dela e que ela não está sozinha;
- Ouvir o que a criança tem a dizer;
- Conversar com o pequeno e em conjunto encontrar uma estratégia segura no caso de ocorrerem novos episódios de violência (ir para o seu quarto, telefonar para a Polícia);
- Relembrar-lhe os motivos pelos quais gosta dela e a valoriza;
- Não criticar ou falar negativamente sobre o agressor, pois



as crianças têm, frequentemente, sentimentos confusos e contraditórios para com ele.

Tal como as crianças que são alvo de violência, as crianças que a testemunham precisam de protecção e podem beneficiar do apoio de especialistas em aconselhamento familiar ou de programas para o tratamento de traumas infantis. Ao longo desta intervenção, os pequenos são incentivados a falar acerca do que viram, ou seja, a expressar as suas emoções e a lidar com o *stress* traumático. Daniel Cotrim explica que, no caso da APAV, *"presta-se apoio psicológico tanto à mãe como à criança, em separado, com técnicos diferentes, de forma a ir atribuindo o estatuto de vítima e a trabalhar questões como a auto-estima, a impulsividade e os sentimentos de culpa"*.

A violência doméstica é um crime público, sendo que a ela está também associada a negligência parental no que respeita às necessidades da criança, a qual deve ser punida por lei. ❖



Ao sujeitar as crianças a um ambiente violento, os pais estão a negar-lhe o direito de segurança e tranquilidade que os mais novos tanto precisam

Texto: Carla

Mateus;

Colaboração:

Manuel

Coutinho,

Instituto

de Apoio

à Criança

e Linha SOS

Criança,

e Daniel

Cotrim,

Associação de

Apoio à Vítima;

Fotos: Arquivo

Contactos úteis!

Em Portugal, os maus-tratos infantis devem ser comunicados aos serviços competentes, nomeadamente às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens. Para além desta entidade, para obter ajuda, denunciar ou consultar técnicos de apoio à violência doméstica pode contactar ainda:

- Número Nacional de Emergência – 112;
- Linha SOS Criança – 116 111;
- Doméstica – 800 202 148;
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) – 707 200 077;
- Linha de Emergência Social – 144;
- Polícia de Segurança Pública (PSP);
- Serviço de Informação a Vítimas de Violência
- Guarda Nacional Republicana.